



**PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC UNICEUB CNPQ
ÁREA: ARQUITETURA E URBANISMO**

**FILIPE AUGUSTO PERES OLIVEIRA
MARI CARMEN ESTEFANNI SOLIS HUAMAN**

**OS MUSEUS E MEMORIAIS DE BRASÍLIA:
A ARTE, A CULTURA E A ARQUITETURA EM EXPOSIÇÃO NA CAPITAL
FEDERAL**

BRASÍLIA - DF

2018



**FILIFE AUGUSTO PERES OLIVEIRA
MARI CARMEN ESTEFANNI SOLIS HUAMAN**

**OS MUSEUS E MEMORIAIS DE BRASÍLIA:
A ARTE, A CULTURA E A ARQUITETURA EM EXPOSIÇÃO NA CAPITAL
FEDERAL**

Relatório final de pesquisa de Iniciação
Científica apresentado à Assessoria de Pós-
Graduação e Pesquisa.

Orientação: Sávio Tadeu Guimarães

BRASÍLIA - DF

2018

OS MUSEUS E MEMORIAIS DE BRASÍLIA:

A ARTE, A CULTURA E A ARQUITETURA EM EXPOSIÇÃO NA CAPITAL FEDERAL

Mari Carmen Estefanni Solis Huamán – UniCEUB, PIBIC-CNPq, aluno bolsista

mari.ch@sempreceub.com

Filipe Augusto Peres Oliveira – UniCEUB, PIBIC-CNPq, aluno voluntário

filipe.augusto@sempreceub.com

Savio Tadeu Guimarães – UniCEUB, professor orientador

savio.guimaraes@ceub.edu.br

Este projeto de iniciação científica discorre sobre alguns museus e memoriais localizados na cidade de Brasília. Os temas arte, cultura e arquitetura, vinculados à temática dos museus, foram complementares no enfoque deste estudo. Tais espaços e objetos neles expostos na capital federal foram abordados no contexto do surgimento dessas instituições e de outros consideradas significativas para sua maior compreensão no contexto histórico, desde suas origens como criações da humanidade retratando a longa transformação pela qual passaram ao longo da História. Foi realizada uma pesquisa minuciosa sobre os museus considerados os mais relevantes da capital federal – Museu da República, Museu Vivo da Memória Candanga, Panteão da Pátria, Memorial JK, Memorial dos Povos Indígenas e Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília – evidenciando brevemente sua história e atividades que cada um deles representa no contexto brasileiro e da cidade. De acordo com os parâmetros metodológicos utilizados, após a investigação realizada sobre tal tema e instituições por meio de pesquisa bibliográfica, foi considerada pertinente a participação do público da cidade de modo a confrontar os dados bibliográficos confirmando-os ou ampliando tais considerações sobre o tema. Esperamos que a presente pesquisa possa auxiliar outras reflexões sobre o tema estimulando o necessário debate sobre arte e cultura na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Brasília. Museu. História. Arte. Cultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. JUSTIFICATIVA	02
3. OBJETIVOS	03
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	04
5. METODOLOGIA	32
6. ANÁLISE	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICES – ENTREVISTAS ESCANEADAS	42

1. Introdução

As sociedades contemporâneas desenvolvem diversas maneiras de relações mútuas entre espaço e cultura, adquirindo com o tempo novos significados em meio a várias mudanças no cenário tecnológico, econômico e social. Os espaços que mantêm essas relações servem de âmbito das mais expressivas manifestações culturais das sociedades, colocando em exposição, através de objetos culturais, as mudanças tecnológicas, sociais ou até mesmo econômicas, seja pela sua própria conformação física, em sua arquitetura.

E é devido a estes fatores estabelecidos pelos museus no cenário contemporâneo que essa pesquisa se justifica: além de estarem vinculados com o registro da memória e com a crescente demanda de representatividade cultural, ao mesmo tempo, se aproximam da indústria cultural, investem na valorização de atividades educativas e experiências de auto representação, incentivando assim, a cultura, o crescimento do lazer e do turismo, a estabilidade do mercado artístico, e do mercado financeiro.

Os museus trazem consigo um grande destaque também na arquitetura, pois levam conhecimento ao público sobre as mais diversas potencialidades contemporâneas, tecnológicas, e não somente, também destacam as técnicas construtivas consideradas ultrapassadas nos dias de hoje, que têm sido reassimiladas em releituras inovadoras na arquitetura e em espaços culturais.

A presente pesquisa procura desenvolver uma abordagem compreensiva, através de conhecimentos disciplinares, desenvolvidos pela Arquitetura e Urbanismo e pelas Ciências Sociais, com o objetivo de analisar museus, centros culturais e correlatos, localizados em Brasília, independente do tamanho de sua representatividade local, mas sim a sua relevância para seus idealizadores e visitantes. Sendo assim, espaços com o Centro Cultural Banco do Brasil, o Museu Nacional e o Museu Vivo da Memória Candanga, o Memorial Juscelino Kubitschek e o Memorial dos Povos Indígenas são representantes distintos das dimensões espaciais e questões culturais hoje em pauta nos diálogos e valorização do campo.

Os Espaços Culturais e museus, patrocinadores de uma grande quantidade de conhecimentos, possuem uma firme relação histórica estabelecida pela espacialidade para eles cedidas, e os objetos culturais neles exibidos, são de extrema importância para o estudo, sendo do passado, do presente ou possibilidades futurísticas, diante das relações entre espaço e cultura, em suas dimensões materiais e simbólicas, ali conservadas e expostas, a parte de tantas promoções, recriações e omissões.

2. Justificativa

Espera-se que esta pesquisa proporcione uma contribuição ao reconhecimento da importância constituída pela cultura e alguns de seus espaços de exposição, aqui representados por meio dos espaços culturais ou museus e memoriais analisados a partir da cidade de Brasília e que assim possa, ampliando estudos e reflexões afins e atingindo outros segmentos, também responsáveis pela criação de nossas diversificadas raízes culturais (PAOLI, ALMEIDA, 1996) e pela preservação de nossa memória, ampliar o conhecimento e estimular outras reflexões sobre o tema em questão.

Além da esperada produção científica, há que se considerar o trabalho desde já presente entre os membros da equipe para a participação e a organização de atividades de campo, de debate e seminários, momentos em que será possível discutir as questões correlatas aos temas afins, ampliando a rede e atualizando as perspectivas de construção.

Do ponto de vista científico, espera-se do contato entre pesquisadores da temática cultural e urbana em seus diferentes níveis professores e alunos um avanço no que toca às perspectivas teóricas e metodológicas vinculadas não apenas ao tema estudado, mas no que diz respeito ao próprio procedimento de pesquisa, de suas múltiplas possibilidades e resultados possíveis.

As reuniões de trabalho, entre os docentes e alunos, objetivam dar continuação às expectativas da Instituição após a recente implantação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura pelo UNICEUB. Destaca-se assim a possibilidade de se estimular e construir novos projetos com vistas a ampliar mais essa atuação proporcionada pela Instituição, a troca de experiências acadêmicas entre professor e aluno fora do âmbito de sala de aula apenas, o fomento a pesquisas contínuas, especialmente com a perspectiva comparativa, bem como a realização de outros eventos científicos.

Além disso, este projeto de pesquisa apresenta uma proposta que entrelaça os âmbitos socioculturais e tecnológicos na medida em que pretende compreender o modo como os usuários destes espaços culturais usufruem e se apropriam dos componentes tecnológicos presentes na arquitetura. Tal como evidenciado nos objetivos específicos, é essencial conhecer as relações que esses usuários estabelecem entre espaço e cultura a partir da vivência e da experiência dos mesmos nos referidos espaços de cultura, uma vez que as sociedades contemporâneas têm como marca a convergência de linguagem das esferas econômicas e culturais por meio, principalmente, a tecnologia e de seus multimeios de informação visuais (CANCLINI, 2005).

O confronto com estes objetos empíricos, analisados de forma comparada, a partir de casos a serem selecionados na cidade de Brasília em uma das etapas iniciais da pesquisa, nos permitirá analisar a relação tecnologia e sociedade desde a exposição, até a conservação e a criação de memórias, percebendo suas dinâmicas e vicissitudes.

3. Objetivos

Objetivo Geral:

. Analisar os aspectos históricos e as relações mútuas entre espaço e a cultura na contemporaneidade em âmbito museológico a partir de dimensões materiais e simbólicas, tendo como objeto empírico alguns museus e centros culturais localizados na capital federal Brasília.

Objetivos Específicos:

- . Abranger o conhecimento a cerca da cultura, a cultura institucionalizada sendo considerada como patrimônio cultural e as emergências e contrariedades culturais também identificadas no campo;
- . Analisar os diversos tipos de usos e de interpretações da cultura, de interesses, de públicos, da arte e da arquitetura em exposição (em suas dimensões materiais e simbólicas);
- . Analisar o modo como esses centros culturais constroem suas identidades em meio a um conjunto de fórmulas globais e atividades locais.

4. Fundamentação Teórica

4.1. Museus, entre a fruição, a curiosidade e o conhecimento pedagógico:

Os museus podem ser designados como instituições que possuem várias definições pelo fato de suas inúmeras características, conforme enfatizado por Gonçalves (2004), buscam manter viva a memória de objetos culturais justamente por estarem cheios de significados. No caso dos museus de arte, estes objetos, enquanto documentos plásticos, fazem parte da realidade histórica e, através da experiência estética ocasionada pela exposição, estimulam o processo de conhecimento sobre a produção artística de determinada época, levando o imaginário do cidadão a não trabalhar somente a identidade histórica da arte, mas também a social. Isso possibilita a exploração das obras de maneira intelectual e afetiva, difundindo sentidos que podem orientar criticamente a interpretação da mostra expositiva que está sendo visitada.

Tanto os objetos expostos (idem, 2004) quanto a maneira como a exposição é organizada (FIGUEIREDO; VIDAL, 2013) agregam valores que podem variar de acordo com os procedimentos referentes ao fato artístico retratado, criando condições para que o público visitante das exposições perceba como os métodos artísticos de cada momento histórico são representados em cada obra – a postura crítica procura fundamentar esses valores e a realidade do qual se originam. De fato, como instituição, o museu, tanto por meio dos objetos permanentes ou temporários em seu acervo quanto de suas exposições, propicia, em diversos graus, um espaço ideal para criar condições de conhecimento e entendimento crítico da “cultura da arte”, questionando a maneira como ela se formula, se mantém e passa por transformações.

Partilhando dessas considerações é possível garantir que a identidade de cada obra e de cada exposição, decorrente da experiência vivida, é um fator mediador que auxilia na construção de imagens projetadas pela imaginação social dos visitantes, resultando na associação entre uma estrutura ativa e sua disposição formal (GONÇALVES, 2004). Essa imagem, conforme evidenciado pela mesma autora é criada através da memória do visitante, tonando-se uma consequência de uma maneira de pensar, sentir e agir de um determinado momento histórico, sociedade ou determinado grupo de onde surgem certos referenciais de significação para o sujeito em particular. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (2003), a aptidão de um receptor pode ser medida de acordo com o grau de sua experiência em lidar com o conhecimento da arte, ou seja, dispondo dos esquemas de interpretação que constituem a condição de decifração das obras presentes numa exposição, em uma determinada sociedade histórica e em seu tempo.

Como também confirmado por Gonçalves (2004), a experiência estética começa com a primeira experiência do efeito de uma obra de arte sobre o seu observador, iniciando-se no deleite da contemplação. A interpretação do significado ocorre em um segundo momento, posterior a efeito, quando o ponto de vista do sujeito é acionado. Quando se opera a comunicação da obra, a construção de seus significados pelo receptor acontece com um certo nível de autonomia. Porém ao reconhecer a possibilidade da liberdade do julgamento pessoal, surge a necessidade de se atentar a formação de um consenso através de um processo dialógico, pois ainda que haja uma mobilidade na receptividade do objeto artístico, boa parte dos valores culturais circunda esse diálogo.

Deste modo, estudar os museus, sua história e a questão da recepção estética e cultural que ele permite, amplia as perspectivas de análise sobre a prática da arte, pois evidencia o papel relevante do público na recepção tanto em relação ao tamanho da estética do fato artístico quanto em relação à dimensão mais social do fato cultural. Nesses sentidos os museus trabalham na comunicabilidade da arte e da cultura um entendimento de como se efetua a relação entre o trabalho do artista, criador de obras sensíveis ou de segmentos sociais produtores de objetos culturais, com tais obras e com o público que interage com elas. O ato de ver, sentir, interagir e conviver com a obra demonstra que as condições de elaboração de sentido são diversas, mostrando-se que elas se conformam em situações historicamente determinadas, havendo uma dimensão social que as abrange (GONÇALVES, 2004) fazendo, de fato, dos museus um importante instrumento de auxílio na preservação, conhecimento e divulgação de experiências artísticas e práticas culturais das mais diversas (GUIMARÃES, 2007).

Quaisquer empenhos de estudo sobre tais instituições, de tamanha importância histórica e sociocultural, parecem se justificar já que, apesar dos crescentes trabalhos no campo, a palavra museu é ainda comumente associada, por muitas pessoas, a locais com funções de guardar objetos antigos, mas, como bem colocado por Marandino (2013), será que existe algum processo educativo nestes lugares? E se sim, será que há alguma especificidade nesse processo? Esta é uma das perguntas que fazem parte de um repertório aos quais os campos de educação vem se dedicando. Falk, Dierking, Hooper-Greenhill, Hein e Falcão são alguns dos nomes que consideram os museus de ciências espaços educacionais (MARANDINO, 2013), projetando coisas além de deleite e diversão. Como em qualquer espaço educacional, processos de uma nova contextualização de cultura se operam possibilitando a integração dos saberes, buscando assim discutir e desvendar aspectos sobre a relação entre museus e escolas, tendo como foco museus de ciências naturais.

Para Van-Praet e Poucet (MARANDINO, 2013) a literatura na área dos museus apontam algumas particularidades, relacionados a elementos como o lugar, o tempo

e a importância dos objetos, também com a ideia de que a exposição é um meio de comunicação, diferente ao que pode se encontrar nas escolas. Assim como, de certa maneira, até mesmo o próprio museu pode ser considerado como um meio de comunicação (GUIMARÃES, 2007). Tais autores enaltecem que o discurso museal, na sua especificidade é uma fonte de riqueza e de sociabilidade e que, desde o desenvolvimento de suas primeiras experimentações ao longo da História, foi muito comum museus ou espaços a eles similares estarem ligados, de algum modo, à aprendizagem. Neste sentido, informar sobre os processos de preparação dos objetos autênticos expostos, os quais necessitam de compromissos entre "conservadores" e "mediadores" ansiosos a dar sentido ao objeto para um determinado público, é fundamental – afinal, o fato dos objetos estarem expostos num museu, sejam naturais, técnicos ou artísticos, podem, dessa maneira, construir meio para contemplação e observação científica.

Assim como os franceses Van-Praet e Poucet, um grupo de pesquisadores canadenses coordenado por Allard (MARANDINO, 2013) também discute o tema museu-escola e, noutro sentido, mas visando aprofundar as relações pedagógicas que ocorrem nos museus, fundamenta suas pesquisas no sistema pedagógico de Lengendre, onde, a relação didática (formada entre objeto e agente) e a relação de ensino (formada entre agente e sujeito) somadas à relação de aprendizagem (formada entre objeto e sujeito) criam uma “relação pedagógica”. Assim como a escola, o museu viu crescer historicamente, entre seus vários objetivos ou intenções (GUIMARÃES, 2013), o objetivo de instruir e educar, e cabe a tal estabelecimento a escolha de como deseja passar as informações que considera relevantes. Considerando então as diferenças entre instituições como uma escola e um museu também baseado na pedagogia, o grupo de Allard (MARANDINO, 2013) adaptou o modelo sistemático da situação pedagógica de Lengendre para o ambiente do museu, tendo a relação de transposição (estabelecida entre a temática e o interventor) e a relação de suporte (estabelecida entre o interventor e o visitante) somadas à relação de apropriação (estabelecida entre a temática e o visitante) conformando o “programa”.

Partindo dessas referências, a professora Martha Marandino (2013) propôs, em 2001, que os processos de composição dos discursos expositivos possuem naturezas específicas e, ao serem confrontados na elaboração de uma exposição, passam por processos de adaptação: tais como “saber de senso comum”, relativos às concepções de modelos normatizados pelo público de modo geral, o “saber sábio”, relativo aos conhecimentos científicos e hegemônicos, o “saber museológico”, relativo às reflexões e ações do campo da museologia (coleta, conservação, salvaguarda, documentação e organização), o “saber da comunicação”, relativo às reflexões teóricas e práticas da comunicação aos estudos de linguagem, o “saber da educação”, relativo às dimensões e aos aspectos de aprendizagem, além, ainda, de “outros saberes”, relativos a saberes práticos de acordo com a especificidade do museu.

Levando em conta esses processos de adaptação que ocorrem na elaboração do discurso expositivo quanto aqueles que se dão na mediação desde discurso com o público (MARANDINO, 2013), esse processo de transposição didática/museográfica, ocorrido no interior da instituição museu demonstra os espaços dos museus enquanto locais potenciais para estabelecer relações pedagógicas próprias e que, em um determinado momento, poderão ser utilizados pela escola ou qualquer outra instituição ou grupo social. Em síntese consideramos, tal como os autores supracitados, que o saber científico passa por transformações para se tornar um saber divulgado. Este deve ser constituído na mediação com outros saberes de diferentes campos de reconhecimento, representados pelos atores envolvidos na elaboração das exposições – tal discurso é, desse modo, determinado também pelas especificidades de tempo, espaço e objetos presentes nos museus que, por sua vez, configuram uma linguagem específica de comunicação com o público.

4.2. Museus, espaços em transformações sucessivas ao longo da História:

Sabe-se que entre os primeiros exemplares do que se convencionou chamar “museus”, está o *museion* grego (figura 1), ainda na Antiguidade e destinado ao depósito de objetos como oferendas às suas divindades. Se durante a Idade Média as grandes catedrais tomaram o papel de espaço para a exposição da arte e cultura oficial de tal momento, foi somente a partir do século XVI, com as Grandes Navegações que os museus ou espaço para a exposição de objetos se tornou alvo de consecutivos critérios e até mesmo normatizações para a preservação, exposição e estudo de seu acervo (GUIMARÃES, 2007).



Figura 1: Interior da Biblioteca de Alexandria Imperato, em Nápoles

Figura 2: Coleção particular de Ferrante

Fonte – Figura 1: <https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/biblioteca/>

Figura 1: Gravura de O. Von Courven.

Fonte – Figura 2: <https://medium.com/museus-e-museologia/os-gabinetes-de-curiosidade-e-o-renascimento-d85eb3f34ff3>

De fato, desde os séculos XVI e XVII, os gabinetes de curiosidade europeus (figura 2) (POSSAS, 2013) se preocupam com a preservação da memória para que essa não seja esquecida. Tais gabinetes se caracterizavam por coletar e abrigar espécimes e coleções como maneira de compreender a natureza e as manifestações humanas e, com o tempo, viravam sinônimo de poder, destaque social e de pertencimento, por configurarem-se como raros, inalcançáveis e de vínculo enciclopédico. Eram de posse privada, embora em sua maioria pudessem ser visitadas mediante carta de apresentação. Geralmente as coleções abertas ao público eram mantidas por colecionadores, além de algumas famílias conhecidas pela prática do mecenato, como os Médici. Cada objeto adquiria importância por estar relacionado a determinada função, lhe fazendo incorporar-se a um conjunto de objetos.

De acordo com a mesma autora (2013), os gabinetes evidenciavam uma ligação entre o que se conhecia e o que estava para conhecer, a ciência que se conhecia e que estava para ser formulada. Por um lado, os gabinetes foram influenciados pelas ideias do naturalista e botânico sueco Carl Von Lineau, que afirmava ser possível classificar todos os seres vivos em categorias bem esquematizadas, sendo a natureza e o número de espécies constante e inalterável. Esse entendimento limitou o conhecimento do chamado “mundo natural” em um sistema classificatório rígido e pouco provável de inovações. Por outro lado, os gabinetes deixaram-se influenciar por ideias de um segundo grupo, contemporâneo, composto por Buffon, Lamarck, Jussieu, Cuvier, entre outros, que afirmava ser os seres da natureza demasiadamente diversos para admitirem algum tipo de classificação.

Sob tal contexto as coleções dos gabinetes dos séculos XVI e XVII são organizadas, de acordo com Adalgisa Lugli (POSSAS, 2013), em duas vertentes – o *Naturalia* e o *Mirabilia*. O *Naturalia* diz respeito aos exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral. Já o *Mirabilia* é composto por objetos provenientes da ação humana (*Artificialia*) e as antiguidades e objetos exóticos que remetem a povos desconhecidos, normalmente vindo de colecionadores ou presenteado por viajantes e marinheiros. Desse modo, a existência desses dois universos permite perceber a tentativa de integrar o novo com o já existente.

Na seção *Naturalia*, o Reino Vegetal possuía o maior número de exemplares pela sua relativa facilidade de conservação (se comparado aos espécimes do Reino Animal) e por seus espécimes possuírem supostas ações curativas – Era o que mais incorporava caráter enciclopédico; o Reino Animal apresentava grande número de espécimes, representado por exemplares “duros”, como ossos, unhas e dentes, exemplares marinhos, aves exóticas e insetos pouco conhecidos, sendo a borboleta o alvo principal. No Reino Mineral, as pedras eram selecionadas por sua raridade ou por supostas propriedades terapêuticas.

Na seção *Mirabilia*, colecionava-se desde inventos do homem que facilitavam o dia-a-dia como as armas, peças importantes das coleções, assim como antiguidades. Fosse por mera curiosidade, desejo de distinção ou esforço de desvendamento e conhecimento de tais objetos e suas significações, funcionais ou simbólicas, tais seções auxiliaram, sobretudo, para a preservação e, conseqüentemente, um esforço de conhecimento paulatino a respeito das mais variadas culturas desenvolvidas pelo globo e suas expressões e representações (LOURENÇO, 1999).

Pode-se perceber que esses gabinetes de coleções tentavam reproduzir o mundo em um pequeno espaço e, dos gabinetes de curiosidades às coleções destinadas à Ciência, que os sucederam, cresceram os critérios e as normatizações observadas na configuração dessa tipologia espacial, genericamente chamada museu, entre suas já tão variadas conformações (GUIMARÃES, 2007). De fato, como evidenciado por diversos estudos, como os de Lourenço (1999), Possas (2013) e Suano (1986), no século XVII, para conhecer não bastava possuir. A ordenação e classificação dos objetos marca a formação de coleções mais específicas, destinadas ao estudo e investigação de espécimes e culturas desconhecidas para os europeus. Com a classificação, veio a especialização dos estudos e o estabelecimento de novos procedimentos de coleta e conservação, assim sendo, a classificação partia da necessidade de um entendimento maior do mundo.

O aumento das investigações e das coleções gerou a necessidade de locais mais apropriados para a guarda dos objetos em condições menos precárias de conservação. Neste contexto, no século XVIII, os museus adquirem força e visibilidade servindo como espaços para a legitimação de “novos cientistas”, instituições de produção e disseminação de conhecimento, investigação, armazenamento e exposição de coleções. Os museus assumiram papel de instituição de pesquisa, existindo por si sós ou vinculados a centros como universidades e escolas superiores, subsidiados por governos e detentores de poder e riqueza. O desenvolvimento da ciência nos séculos XVIII e XIX, esteve, portanto, ligado ao surgimento e consolidação de inúmeros museus de história natural, com suas coleções especializadas e em constante expansão.

Mas foi mesmo a partir de fins do século XVIII e início do século XIX que os museus passaram por maiores regramentos em sua configuração espacial e, mais que isso, passaram a assumir uma representatividade de caráter cultural e política em escala nacional. Decerto, foi a abertura do Museu do Louvre ao grande público logo após a Revolução Francesa o grande paradigma para os futuros museus nacionais tal como se tornou o Louvre, até então o palácio dos Bourbon. Se a transformação dessa espacialidade e todos os objetos privados ali abrigados em uma instituição aberta ao público auxiliou em sua preservação diante dos vandalismos e saques que acometiam Paris pós-revolução, essa transformação de uma grande “representatividade cultural

da corte” então destituída em uma “representatividade cultural da nova França” que então surgia influenciou, de fato, a abertura ao grande público de vários dos históricos e privados palácios europeus, tornados, assim, nas instituições culturais oficiais dos Estados Nação – que então se formavam na Europa pela unificação de vários reinos (LOURENÇO, 1999). O Belvedere na Áustria, o Hermitage na Rússia, o Prado na Espanha, o Altes em Berlim, entre tantos outros palácios assim tornados museus ou a partir de então construídos para funcionarem como museus nacionais foram instituições utilizadas como a representatividade oficial da cultura de tais países – ainda que boa parte de seus acervos fossem fruto de conquistas espoliações de povos vencidos e que boa parte de seus objetos fosse melhor assimilada por um segmento social mais letrado ou detentor de seus códigos de representação da museografia assim emergente.



Figura 3: Museu Nacional do Rio de Janeiro



Figura 4: Museu Paraense Emílio Goeldi

Fonte – Figura 1:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_\(Rio_de_Janeiro\)#/media/File:Panorama do Museu Nacional Brasileiro \(UFRJ\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_(Rio_de_Janeiro)#/media/File:Panorama_do_Museu_Nacional_Brasileiro_(UFRJ).jpg)

Fonte – Figura 2: Foto de Paula Sampaio

<http://www.frmaiorana.org.br/wp-content/uploads/2011/04/museu.png>

O Brasil também teve participação na produção e divulgação estabelecida pelos museus, embora tardiamente. No século XIX, sob o comando do imperador D. Pedro II, surgiram-se os primeiros museus brasileiros. O Museu Nacional do Rio de Janeiro (figura 3), em 1818 – criado a partir da chamada Casa dos Pássaros de D. João (idem, 1999), o Museu Paraense Emílio Goeldi (figura 4), em 1866, e o Museu Paulista, em 1895, apareceram como centros que abrigavam pesquisadores importantes e suas publicações, com considerável aceitação nos centros de pesquisa europeus.

Tempos depois, conforme já evidenciado por vários autores, como Gonçalves (2004), o século XX configurou-se como um momento de grande remodelação no papel dos museus. Desde o período pós-Segunda Guerra Mundial, o aumento sociocultural

estava acontecendo e por fim, toma forma de uma contestação repercutida mundialmente que teve início na França, em maio de 1968, chamada “revolução romântica”. A revolta pacífica de cunho estudantil lutava pela liberdade e pela democracia em diversas esferas da sociedade inclusive no uso de espaços sociais, buscando reivindicar transformações nos padrões de vida cotidianos. Os estudantes se uniram a profissionais de diferentes áreas, incluindo artistas, que protestavam contra o comportamento conservador da população, enaltecendo a crítica na conduta tradicionalista dos museus, ainda restritos a receberem diferentes públicos sociais quanto ao papel dessa instituição.

Sob tal contexto, o perfil do museu passa a ser acusado por estar mais voltado para as camadas sociais privilegiadas e passa a ser questionado como instrumento cultural, assim como começam a emergir propostas que, de um ou outro modo, tiveram por mérito suprir algumas das carências ou “recortes seletivos” observados nos museus tradicionais. Imersos nesse contexto estiveram várias exposições de caráter alternativo empreendidas por Marcel Broodthaers, em Bruxelas, André Mauraux, em Paris, Marcel Duchamp, em Nova York, Mathias Goeritz, na Cidade do México, entre outras. E em meio a tais experimentações de caráter modernista, junto a outras de caráter antropológico vinculadas à diversidade cultural existente, surgiram, enfim, espaços arquitetônicos voltados à exposição da arte e da cultura da própria época, do presente então vivenciado, os “museus modernos”. O Museu de Arte Moderna de Nova York (MOMA/NY) (figura 5), cujo prédio atual, inaugurado em 1939, além de um marco para a arquitetura dos museus ali verticalizada, passou a abrigar seu acervo à época já considerável e influente desde sua criação, dez anos antes, foi apenas um dos vários e sucessivos museus de arte moderna a partir de então emergentes. E essa profusão de museus modernos se deu tanto em outros países, como no caso do Museu do Crescimento Ilimitado concebido por Le Corbusier para Tóquio (figura 6), no ano de 1956, onde o tradicional espaço de galerias sucessivas dos museus tradicionais tornou-se uma espiral neste projeto de Le Corbusier, quanto no próprio país, como no caso do Museu Guggenheim de Nova York, de 1959, onde se deu a espacialização da espiral corbusiana pelo projeto de Frank Lloyd Whigth. De maneira semelhante, o *Metropolitan Museum*, também de Nova York, fundado em 1870 sob o supracitado contexto dos tradicionais museus nacionais, ao abrir um espaço de educação e um restaurante em suas dependências, na década de 1950, influenciou bastante na abertura dos museus tradicionais a outras possibilidades, como os espaços de apoio, lazer e consumo, a partir de então encontrados na maioria dos museus (GUIMARÃES, 2007).



Figura 5: Museu de Arte Moderna de Nova York **Figura 6:** Museu do Crescimento Ilimitado

Fonte – Figura 5: Foto de xfotox

<https://www.inexhibit.com/mymuseum/moma-museum-modern-art-new-york/>

Fonte – Figura 6: Foto de Flávio Coddou

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/02.023-024/1492>

Assim como a “museografia”, ou cenotécnica, vinculada aos instrumentos e procedimentos para a ambientação da peças de um museu e desenvolvida desde as primeiras e elementares experiências realizadas nos museus vinculados ao conhecimento, a “museologia”, vinculada à compreensão do campo de reflexão e ação dos museus como uma ciência, também se tornou, em meados do século XX, mais uma das dimensões de consideração inevitável no campo vivenciado em tais instituições sob uma crescente de atividades socioculturais. Tais termos, além de seu vínculo com a ideia de museu, caracterizam-se, cada vez mais, pela ideia de movimento, de efemeridade, seja pelas exposições de caráter temporário, pelas exposições permanentes sendo cada vez mais reconfiguradas, seja pelo próprio museu que, desde meados do século XX, vem sendo definido e defendido como um espaço dinâmico, um museu vivo.

Decerto, nesse amplo campo de confluências onde os museus se inserem, como consequência da consolidação da museologia como ciência, gerou-se um grande debate, no final da Segunda Guerra Mundial, estimulando a Comissão Internacional dos Museus (ICOM) criada em Paris, no ano de 1946, em associação com a UNESCO (GUIMARÃES, 2007), a desenvolver um estudo e dar uma definição exata para tal termo: “*Museologia é a ciência do museu, estuda a história e a razão de ser dos museus, sua função na sociedade, sua peculiaridade em sistemas de investigação, educação e organização, em relação ao que guarda o ambiente físico e classificação dos diferentes museus*” (FERNÁNDEZ, 1999, p. XX).

Evidentemente, tal consideração do campo museológico como uma disciplina já tem gerado diversas linhas específicas de consideração e defesa da mesma (idem, 1999). Segundo vários debates entre defensores de uma disciplina para os museus, como Hugues de Varine Bohan e Georges Henri Rivière, as definições de “museologia” surgem de uma realidade experimentada nos anos 1970 sob uma prática profissional viva e contextualizada nos saberes sobre o museu em relação com o meio cultural e social. Por volta dos anos 1980 e consolida-se, sob a influência de André Desvallées, uma “nova museologia”, definida também a partir de diversos movimentos culturais e sociais onde, contudo, a dimensão humana deve se sobrepor ao objeto expositivo. Recentemente, no final do século XX, aparecem outras correntes com intenção de uma outra renovação da museologia, como a “museologia crítica”, que ainda tem tido desigual aceitação e desenvolvimento em tal campo de reflexão e ação, focando, dessa vez, na especificidade do conhecimento exposto e produzido em um determinado museu.

Independente da linha considerada, com a configuração da museologia como uma disciplina, o fato é que os museus passam a ser considerados e valorizados pelo campo como espaços de “preservação, estudo e exposição” de objetos simbólicos e de artefatos culturais – tal preceito se constituiu no tripé básico da conceituação museológica formulada durante a criação da ICOM, em 1946, conforme supracitado. Já o lema: “o museu a serviço do homem da atualidade, do futuro” surge através da conferência da ICOM em Grenoble, no ano de 1971, e também tem se mantido. Cabe ressaltar, ainda, a validade da definição de museu, mesmo que por vezes somente em discurso, difundida pela ICOM, em 1974 (FERNÁNDEZ, 1999, p. XX). *“Uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público; que adquire, conserva, investiga, comunica e exhibe, para fins de estudo, de educação e de deleite, testemunhos materiais do homem e do seu entorno”*. E para abordar os museus da atualidade é necessário citar a origem de seu modelo, surgida a partir dos anos 1970 e ainda radicada no centro dos mais inovadores surgem no século XXI. Afinal, os novos museus sempre se encontram na procura de novas metodologias para que o público se veja mais interessado nas exposições com as novas tecnologias e o dinamismo utilizado na ação cultural dos momentos vividos e os momentos que ainda estão por vir. Especialistas em museu exaltam a importância dos novos programas institucionais como recurso para desempenho da função social que ele é chamado a cumprir diante da sociedade, sendo disponível para as diversas bases sociais, para o qual precisa criar novas maneiras de apresentar a arte e promover sua recepção. Grande ícone dessa nova reviravolta no campo dos museus foi a inauguração do Centro Georges Pompidou, em Paris, no ano de 1977, a partir do projeto arquitetônico de proposta inovadora elaborado por Richard Rogers e Renzo Piano para o plano de reativação cultural da capital francesa conduzido pelo governo de François Mitterrand, e que revigorou, no

mundo todo, os museus enquanto instituições portadoras de capital cultural e potenciais chamarizes de capital econômico. Buscando uma ligação da estrutura arquitetônica com a vida urbana, a questão essencial da nova museologia, a partir daquele momento, baseava-se na valorização do público, mas gradativamente, em outras questões.

A contemporaneidade, por muitos designada como uma época “Pós-Moderna”, marcada sobretudo pelas questões emergentes a partir dos anos 1970 (JENCKS, 1985), apresenta o museu como um lugar diferenciado para grandes exposições e espetáculos voltados à arte e outros assuntos. Por garantir relevante valor de distribuição de cultura e conhecimento, tornando-se um marco na cidade onde está, o projeto passa a ter um caráter monumental, buscando emanar uma identidade e imagem de representação cultural. Nelas, o visitante é o principal protagonista. Os novos museus passam a ser vistos como marcos atuando como símbolos de distinção, memória cultural e de modernização urbana. Como exemplo pode-se lembrar da Pirâmide do Louvre, em Paris (figura 7), erguida entre 1982 e 1989, projeto de I.M. Pei. E em 1997 o Museu Guggenheim de Bilbao (figura 8), não apenas colocou tal cidade espanhola no mapa por meio de seu novo e icônico marco visual, como tornou o arquiteto canadense que concebeu seu projeto, Frank Gehry, conhecido mundialmente, além, ainda, de aumentar os estímulos para a ampliação ou criação de megaprojetos arquitetônicos voltados às diversas e crescentes funções agregadas na espacialidade de um museu.



Figura 7: Pirâmide do Louvre em Paris



Figura 8: Museu Guggenheim em Bilbao

Fonte – Figura 7:

<http://dianabrooks.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Piramide-Louvre-edificios-polemicos.jpg>

Fonte – Figura 8:

<http://dianabrooks.com.br/wp-content/uploads/2014/03/guggenheim-bilbao.jpg>

E entre esta virada do século XX e as primeiras décadas do século XXI, para uma sociedade ocidental conhecida como pós-industrial, o museu pode ser reconhecido como uma instituição controversa muito presente e influente no âmbito cultural no geral. De fato, como evidenciado por FERNÁNDEZ (1999), na Atualidade não pode ser ignorado que museu é mais do que um lugar onde são armazenados objetos de patrimônios, algumas das outras funções tem adquirido na sociedade atual dimensões quase desconhecidas com as tradicionais. Os momentos vividos atualmente são fenômenos que afetam as instituições socioculturais como os museus. Considerando perspectivas diferentes, o museu tem se convertido num instrumento de atenção e utilizado com fins próprios por parte de personagens influentes na vida cotidiana ocidental, concluindo assim que o museu tem se convertido hoje, e mais do que nunca, em objeto de desejo.

Diversos fatores fizeram com que a arte, a prática e a teoria, mesmo sendo invenções vinculadas a todo um povo, tivessem como consequência só pessoas privilegiadas podiam ter acesso a desfrutar estas invenções. Na atual situação socioeconômica e cultural, à parte de toda a informação disponível nas mais diversas plataformas, parece vivermos em meio a época desilustrada, como enfatizou FERNÁNDEZ (1999). Por isso cabe uma sensibilização sobre o quanto os museus atualmente deveriam ser mais abertos às suas questões históricas e à nova museologia e intentar responder perguntas, como qual seria o âmbito disciplinar no futuro. Assim como comprovado por Gonçalves (2004), Guimarães (2007) e vários outros autores e pesquisas também se indagam sobre os modos como o museu pode exercer mudanças adaptativas na atualidade e quais os focos que este deve apresentar com o passar do tempo, quer dizer, como as informações e conteúdos passados podem ser apresentados para a sociedade de diferentes formas, para que estas acompanhem a mudança do tempo, diminuindo, assim, a total formalidade e assumindo um perfil mais convencional.

Como aqui exposto, com o passar do tempo, surgiram diferentes tipos de perguntas e uma das mais mencionadas é, se devemos nos preocupar com a desaparecimento de um museu tradicional e seu significado histórico, esquecendo a classe social no que este foi criado? Evidentemente, o museu, de acordo com Marc Maure (FERNÁNDEZ, 1999) é considerado como uma expressão e instrumento de processos de identificação, as contribuições de um museu e de uma nova museologia resultam essenciais e necessárias para a sociedade.

4.3. Museus para acervos modernos e contemporâneos:

No ano de 1947 o Museu de Arte Paulista, o MASP foi inaugurado, concebido pela arquiteta Lina Bo Bardi. De certa maneira, como enfatizou Lourenço (1999), os museus de arte Brasileiros em geral formam suas coleções com unidades públicas de iniciativas seletivas, gerando conjuntos com critérios discutíveis – afinal, o cotidiano

cultural entre nós peca por subjetividade, pressões do poder econômico e inexistência de ancoragem cultural, ficando as decisões também comprometidas pela ausência de estudos aprofundados e interlocutores capacitados para debater a produção artística. Em tais casos, pretende-se selecionar artistas que possuam diversidades e peculiaridades sobre a cultura brasileira, mas os museus de arte moderna aceitam obras modernas, evidentemente, porém, como evidenciado por Lourenço (1999), não as colocam como centro do processo museológico em muitos dos casos. Ressaltam-se, todavia, museus onde o espaço, o acervo e sua gestão enfatizam suas potencialidades entre suas compreensíveis carências – de razões as mais diversas.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, por exemplo, está localizado na região central da capital, ocupando um edifício de 1913, o qual teve que passar por muitas adaptações para a conservação deste edifício na atualidade, pois este foi projetado para um órgão administrativo. O edifício passou a ser patrimônio tombado em 1985, e é considerada parte da Divisão de Cultura e subordinado ao Departamento de Artes, sendo seu primeiro diretor o Artista Ado Malagoli. Neste museu encontram-se acervos de artistas locais e históricos do Brasil desde o período missionário até a atualidade. Depois de alguns anos o museu conseguiu ter um acervo ampliado continuando os esforços de recolher obras diversificadas, assim buscando ampliar as bases financeiras e negando-se a formar coleções apenas de doações e transferências. Foram realizadas vendas de peças expostas em mostras temporárias, cobrando uma porcentagem para o museu.

Já o Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte/MG (figura 9), adotado como outro exemplo, é um estabelecimento da prefeitura e ocupa, desde sua fundação, em 1957, um conjunto modernista assinado pelo Arquiteto Oscar Niemeyer, destinado ao antigo cassino, situado no distrito da Pampulha, aberto 2 anos após a posse do Juscelino Kubistchek na prefeitura, sendo fechado após a proibição do jogo no Brasil. A abertura do museu representa a consolidação dos esforços perpetrados nos anos 40, procurando vencer o tradicionalismo na sociedade. Tudo isto gerou um abalo acadêmico local, ao ponto que exista violência contra as obras. A par dessas iniciativas inaugurais, o museu passa por oscilações, na razão direta de quem está liderando, fica assim comprometendo as atividades cotidianas essenciais para a rotina museológica, desde o que expor e preservar, até a realização de ações educativas, intervindo nas decisões de adaptá-los a novas demandas. Sendo assim, este museu realiza um esforço para atrair o público em vista da localidade distante do fluxo urbano, sendo de se notar as numerosas mostras que tem abrigado, desde os momentos iniciais e rutilantes.



Figura 9: Museu de Arte da Pampulha
Gregori Warchavchic

Figura 10: Casa Modernista, de

Figura 9: Foto de Carlos Avelin

http://belohorizonte.mg.gov.br/sites/belohorizonte.pbh.gov.br/files/imagecache/ev-ento-destaque/map_foto_carlos_avelin.jpg

Fonte – Figura 2:

<https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b767e58ece127a000256-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-imagem>

Entre outros dos grandes museus localizados no país, a cidade de São Paulo, tornou-se, não por acaso, num espaço favorável para a implantação de museus de alguma maneira ligados ao Modernismo. A chamada *Casa Modernista*, de Gregori Warchavchik (figura 10), construída em 1928, considerada a primeira obra arquitetônica modernista do Brasil e tornada um espaço de visitação, na linha dos “museus casa”, a partir de seu tombamento como patrimônio cultural do Estado de São Paulo e do país, em 1984, talvez seja o espaço mais simbólico de tal segmento (GUIMARÃES, 2007). Contudo, as instituições que possuem peças provenientes de artistas e autores vêm surgindo e mudando a visão sobre o futuro dos museus tradicionais e, inclusive, dos museus modernos e, neste contexto, envolvendo compromissos e dignidade públicos. Dentre estes, podem ser destacados os casos das ações voltadas à preservação do acervo do modernista Mário de Andrade e do Museu Lasar Segall que se dedica a catalogação de obras e a valorização do artista, tendo o privilégio de reunir obra, ação museológica e documental. Todavia, o perigo que permeia essas instituições monográficas é o culto aos temas, trabalhos e autores, por muitas vezes receberem críticas, não terem sucesso e não servirem devidamente a sociedade, já que as instituições assumem a feição impressa pelas pessoas.

Como citado por Lourenço (1999), o fato da obra de Lasar Segall ter se tornado um sucesso museológico permeia na ideia de que o artista, assim como Murilo Mendes e Mário de Andrade, era consciente de sua importância na história e organizaram, com ajuda ou só, suas marcas pelo mundo, retratando suas obras com críticas e valores de época. Já o acervo de Mário de Andrade, após o seu falecimento em 1945, foi passado para família, já que não havia deixado descendentes diretos, até que em 1968 a USP, através de contatos, conseguiu adquiri-lo de forma simples e não ostentatória, evitando com que as obras fossem convertidas em dinheiro.

No caso de Lasar Segall, a persistência de sua esposa Jenny Klabin Segall, após o falecimento do marido em 1957, ajudada por Luis Hakossa e apoiada pelos filhos, com base documental, tornou possível a reunião e a organização de suas obras para que fossem expostas nas primeiras mostras, para empréstimos a outras iniciativas coletivas. Julgando-o insuficientemente conhecido no Brasil, mesmo após de mostras destaques na bienal e no MASP, decidem programar outras mostras no exterior, o que resultou na aceitação em ampla escala de seu trabalho, em meio ao colonialismo cultural brasileiro. O fato de o artista, afastado do mercado, não necessitar desta fonte de renda, impediu com que o acervo fosse desviado para a venda. O mesmo era exposto no próprio ambiente familiar, sem excessos, estando localizado por anos em um canto, como o de seu ateliê.

As obras de Mário de Andrade, por sua vez, agregam valores do moderno brasileiro por reunirem aparentes opostos: erudito x popular, sacro x profano, regional x universal, rural x urbano, lírico x engajado e por manterem pequenas recordações pessoais, o que lhe garante certa particularidade. De fato, garantem uma dualidade entre época e o ser, ampliando o papel que a arte pode assumir, seja como valor crítico ou humano. A primeira morada de sua coleção foi no Instituto Brasileiro de Pesquisas (IEB), onde primeiramente permaneceu no prédio de História e Geografia e depois foi transferida para instalações adaptadas antes pensadas como moradia de estudantes, em que passa a receber tratamento museológico essencial, como identificação, catalogação, conservação e restauro.

Com o aparecimento do Museu Lasar Segall (figura 11) no momento do regime militar no Brasil, em 1967, o projeto institucional vai sendo provado com a prática participativa e avaliatória interna, ganhando reconhecimento público no bairro e permitindo ampliar novos objetivos na ação museológica brasileira. A política de contratações serviu como meio para sensibilizar o público. Nos primeiros anos, a atenção é voltada para a biblioteca e para os educadores. A manutenção do museu fica por longo tempo por conta dos herdeiros, não havendo maiores distinções, permanecendo os registros e sendo elas utilizadas em exposições. A transformação jurídica ingressa verba pública local, até que, em 1984, passa a ser órgão do governo

federal, quando a família estabelece números selecionados por técnicos para rever o conjunto público.

Já o conjunto de Mário de Andrade, incorporado ao IEB (figura 12), tem propiciado estudos, no âmbito acadêmico e no geral, que tem se tornado referências obrigatórias na literatura, artes visuais e música, ultrapassando a própria figura do autor. O Museu Lasar Segall vai aos poucos libertando-se da relação familiar e torna-se fonte para ações institucionais competentes, não só de outras entidades com a mesma tipologia, mas também dos museus em geral, graças ao empenho da direção, ao desempenho da equipe e aos princípios que o norteiam desde a origem.



Figura 11: Museu Lasar Segall – SP

Figura 12: IEB

Fonte – Figura 11: Foto de Selene Cunha

<https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/museu-lasar-segall/>

Fonte – Figura 2:

<http://www.ieb.usp.br/>

Estes são somente alguns casos que evidenciam as potencialidades e carências expressas nos museus brasileiros voltados à cultura e arte modernista que, assim como existem outros museus voltados a outras representatividades, estes permitem, todavia, que haja o conhecimento de uma determinada temporalidade e linguagem auxiliando na compreensão e preservação de exposições e lembranças significativas dessas representatividades artísticas ou culturais que abrigam. Acreditamos que tais casos auxiliem, ainda, na presente pesquisa, pelo fato de tratarmos dos museus de uma cidade de caráter modernista, com Brasília, onde boa parte de seus museus se relacionam a essa linha de museus ou a espacialidades modernistas, à parte, evidentemente, de exceções existentes e que essa pesquisa também busca identificar, analisar e evidenciar como parcelas da representatividade cultural da cidade passível de conhecimento por meio de seus museus.

4.4. Museus para uma “cidade modernista”:

Mundialmente conhecida como uma cidade moderna, Brasília, a capital federal do Brasil, inaugurada em 21 de abril de 1960, hoje centro de uma verdadeira região metropolitana formada não apenas por suas cidades satélites apresenta, de fato, numerosos exemplares arquitetônicos modernistas, assim como seu próprio plano urbanístico, elaborado por Lúcio Costa em 1956, e as mais variadas expressividades artísticas e culturais que compuseram a cidade projetada sob os ideais modernistas que pairaram sobre o imaginário da primeira metade do século XX como os mais representativos para a modernidade industrial que se apresentava como a força motriz da economia daquele momento histórico.

Desenvolver mais dados sobre a cidade de Brasília.

Contudo também são muitos os espaços culturais da cidade que explicitam, ainda hoje, seu caráter modernista, tal como seus numerosos museus que continuam a ser criados por toda a cidade. A seguir são listados alguns dos museus ativos atualmente no Distrito Federal:

1. Museu Nacional de Brasília;
2. Espaço Cultural do Incra;
3. Museu das Drogas;
4. Museu de Valores do Banco Central;
5. Museu de Arte de Brasília;
6. Museu Vivo da História Candanga;
7. Espaço Lúcio Costa;
8. Panteão da Pátria;
9. Museu Histórico do Senado Federal;
10. Museu da Polícia Militar do Distrito Federal;
11. Museu do Templo da Boa Vontade;
12. Memorial JK;
13. Museu da Câmara dos Deputados;
14. Museu Histórico da OAB;
15. Museu da Imprensa;
16. Museu do Catetinho;
17. Centro Cultural Banco do Brasil;
18. Caixa Cultural – Brasília;

19. Museu Nacional dos Correios;
20. Museu dos Povos Indígenas;
21. Espaço Oscar Niemeyer;
22. Museu Nacional de Gemas;
23. Parque Nacional de Brasília;
24. Espaço Cultural Contemporâneo.

Museu Nacional Honestino Guimarães, conhecido popularmente como Museu Nacional, está localizado na Esplanada dos Ministérios, em Brasília - DF, no qual, faz parte do Conjunto Cultural da República João Herculino. O projeto arquitetônico foi concebido pelo arquiteto Oscar Niemeyer, sendo uma de suas obras mais recentes a serem feitas no local, quando já explora com muita destreza e simplicidade as qualidades estruturais e plásticas do concreto armado. Proposto em meados do ano de 2002 e inaugurado em 15 de dezembro de 2006, sua história já havia sido prevista nos planos do urbanista Lúcio Costa para a Nova Capital.

O projeto foi desenvolvido para substituir um projeto original criado em 1970 e que por ser de uma estrutura mais elaborada, foi considerado como muito caro e posteriormente substituído por um projeto mais simples e barato, por razões de economia.

Possuindo 13.653 m² de área construída, a arquitetura de cunho monumental do edifício dar-se pela sua própria geometria no formato de uma semiesfera (cúpula), pintada na cor branca, contendo um diâmetro de 80 metros e 28 metros de altura, e sua estrutura feita em concreto armado e sua cobertura em concreto protendido. A arquitetura também se expressa através da rampa principal que dá acesso ao edifício, um plano inclinado de 52 metros de comprimento, voltada para a Biblioteca Nacional, auxiliando na unidade do conjunto e também pela rampa que une o salão de exposições ao mezanino.

No interior do edifício, o elemento de destaque é composto por um espaço para exposições para grandes proporções, localizado no primeiro pavimento em uma grande laje totalmente livre com pé-direito monumental, que além deste, encontra-se um mezanino suspenso através de tirantes no teto da cúpula, possuindo volumetria orgânica, por isso mantendo o ambiente totalmente livre, sem pilares, que se tem acesso por uma grande rampa no interior do museu, pela rampa externa e por dois elevadores para o público e um elevador para carga (plataforma). O nível térreo, conta com dois auditórios, um para 700 e o outro para 80 lugares, salas destinadas a museologia, restauro, marcenaria, administração e reserva técnica, com entrada principal embaixo da rampa de acesso principal; o subsolo abriga área para manutenção de instalações e sistema de ar-condicionado. No total o edifício comporta 3 pavimentos e um mezanino.

Seu interior não possui janelas, utilizando iluminação artificial através de um grande lustre central de maneira indireta, por reflexão.

O museu conta com exposições do próprio acervo e apresenta exposições nacionais e internacionais, assim como exposições de médio e grande porte temporárias, workshops, seminários, palestras, mostras de filmes, festivais de teatro e várias outras atividades de caráter cultural e social, tendo sido um fomentador da economia da cultura na capital, recebendo um público estimado de até 970 mil visitantes em 2014.

As manifestações culturais também acontecem na área externa do museu, que é circundada por três espelhos d'água.

A localização do museu possibilita fácil acesso aos visitantes que não possuem veículo próprio, por estar localizado próximo a Rodoviária de Brasília, podendo ser alcançada através do uso de ônibus que levam até a Esplanada dos Ministérios e pelo metrô, situado na Rodoviária de Brasília.

Tem como objetivo levar, elevar e tornar acessível a cultura visual contemporânea ao maior número de pessoas possível, com visitas a fim de incentivar, difundir e reconhecer o museu como um bem cultural universal, que deve ser preservado e manter a democratização. Relacionado a liberdade de expressão, o museu procura também abrigar diversas manifestações culturais, que venham a contribuir com a pesquisa e a experimentação das variadas linguagens culturais e artísticas, com vistas na promoção, difusão e facilitação ao seu acesso, por meio de formativos e informativos rápidos, globais e socioeducativos.

O próprio Niemeyer, assim descreve o espaço:

“Não é um museu de obras fixas, mas um espaço contemporâneo, um museu de ideias, do experimental, que possa receber uma série de exposições e obras do Brasil e do mundo.” (NIEMEYER, apud SUSSEKIND, 2002).

	
<p>Figuras 17: Exterior do Museu Nacional</p> <p>Fontes: http://www.vitrinespelomundo.com.br/2016/07/museu-nacional-da-republica-brasil.html</p> <p>Foto de Cristiane Avellar</p>	<p>Figuras 18: Interior do Museu Nacional</p> <p>Fontes: https://www.apontador.com.br/local/df/brasil/museus/C40552228435T4359/museu-nacional-da-republica.html</p>

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília localiza-se no setor de clubes Sul, Trecho 2, no edifício Tancredo Neves, projeto de Oscar Niemeyer, inaugurado em 1993 como sede do centro de Formação do Banco do Brasil.

O Banco do Brasil é uma das instituições mais importantes do país e, ao longo dos anos, adquiriu diversificado acervo. Grande parte ligado ao exercício da atividade bancária, como documentos de valor histórico, cédulas, moedas, equipamentos, objetos e mobiliário, além de peças de artes decorativas, pinturas, gravuras e esculturas de nomes importantes das artes visuais.

Todo esse material foi catalogado e está reunido no Museu Banco do Brasil, que foi aberto ao público em 12 de outubro em comemoração ao aniversário do Banco do Brasil, do próprio CCBB Brasília e à Semana das Crianças. O CCBB Brasília é o segundo museu/centro cultural mais visitado no Brasil e o 43º no mundo, de acordo com o ranking da publicação inglesa *The Art Newspaper* (abril/2013).

O prédio possui uma área construída de aproximadamente 20.551m². O CCBB ocupa 7.000m² desse total, além de uma área externa (jardins e estacionamento) com 23.940 m².

O projeto foi lançado com a exposição “Acervos do Brasil: história, cultura e cidadania”, que tem como intuito uma reflexão sobre a história econômica, social e cultural do Brasil.

Ao criar o Museu, o Banco do Brasil coloca em prática mais uma iniciativa que contribui para a formação cultural do público visitante, a exemplo do que já acontece com os CCBBs. Todo o acervo selecionado, em conjunto com a narrativa de acontecimentos que marcaram a história do Banco e do País, foi disponibilizado pela Instituição para visitação do público em geral, incluindo as crianças atendidas pelo Programa Educativo desenvolvido nos Centros Culturais.

A partir da identificação dos itens, foi elaborada uma proposta de classificação das peças, seguindo critérios de relevância artística e histórica. O acervo estará distribuído tematicamente, dividido em dois módulos: História; Cultura e Cidadania. É um espaço que estará em permanente construção, assim como a sociedade brasileira.

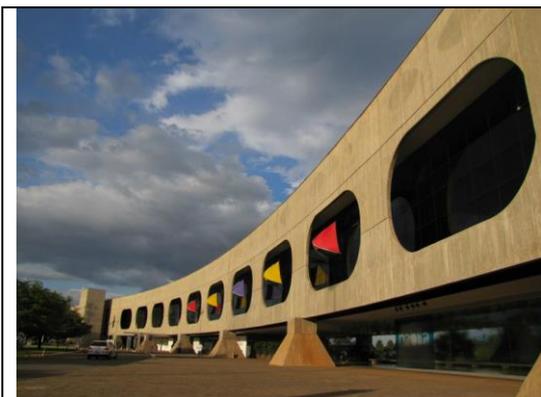
O módulo Cultura e Cidadania explora como o Banco do Brasil faz parte da formação cultural da sociedade brasileira e apresenta ao público sua coleção de arte nacional. O investimento da instituição na cultura é antigo e marcado pela criação no Rio de Janeiro do Centro Cultural Banco do Brasil em 1989, seguido depois dos espaços de mesmo nome em Brasília, São Paulo e Belo Horizonte. São, portanto, mais de 25 anos de incentivo ao desenvolvimento cultural do país com exposições nacionais e internacionais, espetáculos, debates, sessões de cinema e outras atividades.

O CCBB disponibiliza ônibus gratuito, identificado com a marca do Centro Cultural, que funciona de quarta a segunda, estes ônibus têm pontos de paradas específicos para

recolher os passageiros, tais como A Galeria dos Estados, Biblioteca Nacional, UNB Inst. De Artes, UNB Biblioteca e Setor Hoteleiro Norte.

A entrada para os diferentes programas que o CCBB oferece varia de 2 reais até 10 reais.

Este Centro Cultural possui Balcão de atendimento no térreo, Atendente Bilíngue, guarda volumes, telefones públicos, banheiro Familiar, bicicletários, Lanchonete e Livraria.



Figuras 17: Centro Cultural Banco do Brasil

Fontes:

https://www.google.com.br/search?biw=1455&bih=655&tbm=isch&sa=1&ei=z8VW8bwAYSuwATG0oGICw&q=ccbb++brasilia+historia&oq=ccbb++brasilia+historia&gs_l=img.3...4350.5809.0.6097.10.9.0.0.0.0.350.904.0j4j0j1.5.0...0...1c.1.64.img..7.1.147...0i24k1.0.KGwIGJM4ITo#imgrc=LgaKAnhwg6pe3M/



Figuras 18: Centro Cultural Banco do Brasil

Fontes:

https://www.google.com.br/search?q=ccbb++brasilia+historia&tbm=isch&tbs=rimg:CbaFyUHTDQ5uljgnq4hvzmdEwH1OZONavuFez1LW8Ik6iP-JvP_1cZbnyRn8VI0VCFD7KV1r2jzCxbjaY23MwELF9myoSCSeriG_1OZ0TAERuNf9ut8Xy8KhJfU5k41q-4V4RWz5eFLFv0fEqEgnPUtbwiTql_1xG0MZzAPbtHfCoSCYm8_19xlufJGEcEIWUcnE38IKhIJfxUjRUIUPsoRze9WHblczlUqEglXWvaPMLFuNhFh2z4d2qw4MSoSCZjbczAQsX2bEUqZ3avYM4xn&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKewiyxe7ekrrbAhVDkpAKHRfVC2IQ9C96BAgBEBs&biw=1455&bih=655&dpr=1.1#imgrc=fxUjRUIUPsohjM:/

Museu Vivo da Memória Candanga – No início da construção de Brasília, quando havia apenas o vazio do planalto central, iam chegando ali pessoas de toda parte do Brasil para trabalhar na construção da Capital, dando início a vilas e alguns acampamentos criados pelas construtoras e pela Companhia de Urbanização da Nova Capital (Novacap). Um acampamento em especial, dentre vários, ganhou destaque e foi um dos que mais cresceu, sendo conhecido pelo nome de Cidade Livre, pensado com o objetivo de ser uma área de comércio e serviço. Tinha esse nome, pois não era cobrado nenhum tipo de imposto sobre os estabelecimentos comerciais que ali

ficavam, assim, em um curto espaço de tempo já haviam se instalado diversos negócios comerciais e diversos tipos de casas que abrigavam a população que veio a crescer em uma grande proporção. Entre a Cidade Livre e outro acampamento que era vizinho, conhecido como Lonalândia, foi instalado o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), que era patrocinado pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

Toda a estrutura desses acampamentos e vilas teria certo tempo de duração, pois com o fim das obras de Brasília, elas deveriam vir a desaparecer, porém, a grande população que havia constituído moradia lutou pela permanência da Cidade Livre, que veio a se desenvolver nas margens da via EPIA (Estradas Parque Indústria e Abastecimento), localizada no Núcleo Bandeirante. Ao longo dos anos de 1960 às edificações de madeira dos acampamentos foram substituídas pelas de alvenaria. A resistência da população causou a transformação da situação de caráter provisório dos assentamentos em bairros com infraestrutura urbana adequada e reconhecimento do Estado, dando início a Regiões Administrativas (RA), que são conhecidas nos dias de hoje como Núcleo Bandeirante, Candangolândia e Ceilândia.

Todo construído em madeira, o HJKO de início, também foi criado com caráter provisório, pois com a inauguração de Brasília, ele viria a ser demolido. Ele foi construído em 60 dias e sua inauguração veio a acontecer no dia 06 de junho de 1957, com o término de suas atividades no ano de 1968, quando começou a funcionar como posto de saúde. Em 1974 foram implantados no Núcleo Bandeirante serviços de saúde causando assim a desativação do HJKO, porém, ainda em seu terreno, estavam abrigadas ali muitas famílias e ex-servidores do hospital, em situação irregular. Nessa mesma época a comunidade causou diversos protestos exigindo o tombamento do espaço. No dia 13 de novembro de 1985, o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico (DEPHA), da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal (SEC-DF), cedeu o tombamento do conjunto arquitetônico do HJKO, sendo declarado como Patrimônio Histórico e Artístico da Cidade. Em 1986, o HJKO passa a ser sede do DEPHA, causando assim ações de restauração na estrutura e algumas intervenções com vistas à implementação do Museu Vivo da Memória Candanga. Um dos grandes objetivos a serem alcançados com o tombamento foi a preservação de elementos únicos da tipologia construtiva das primeiras obras da construção de Brasília e do espaço formado pelas edificações, que já se encontravam em um estado já bem deteriorado. Parte do hospital já tinha caído e apenas uma parte foi reconstruída.

O Museu Vivo da Memória Candanga não possui domínio de terreno e dotação orçamentária, assim, toda sua gestão é feita pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal. A consequência disso tudo é a limitação na geração de ações culturais que poderiam vir a ser desenvolvidas em tal entidade já que o museu não pode se beneficiar dos projetos via Lei de Incentivo à Cultura, pois não é um organismo autônomo. Nesta situação o MVMC não tem como requerer ações de restauração e, portanto, são realizados apenas reparos, via SEC-DF.

Sua localização foi pensada estrategicamente em um ponto com grande circulação, porém, ainda assim possui um difícil acesso para pedestres que não possui um veículo particular, já que é acentuado em uma distância de 3 km da estação de metrô mais próxima, e apesar da área ter a circulação de vários ônibus, a travessia pela EPIA se torna perigosa e difícil.

A DEPHA-DF foi responsável pela adaptação hospitalar em museu sob a orientação do arquiteto Silvio Cavalcanti e com a ajuda dos arquitetos Antônio Menezes Junior e Carlos Madson Reis. Alguns prédios já estavam bastante deteriorados por causa da falta de manutenção, ação do tempo e de cupins.

O Programa de Necessidades do Museu conta com áreas para exposições permanentes e temporárias, biblioteca, galpão para oficinas, sala de segurança, áreas recreativas, um pequeno bosque, almoxarifado, banheiros, telecentro e um depósito. O partido arquitetônico do museu tem uma grande potencialidade para induzir seus visitantes a aprender sobre o local e a sua utilização inicial.

O Museu infelizmente não possui um Projeto Museológico aprovado, assim ele trabalha apenas com um Plano de Ação. Ele é composto por objetos, fotos e peças da época da construção da nova capital e principalmente por edificações. A instituição expõe as mais diversas manifestações culturais e artísticas que fizeram parte da construção de Brasília. Ela conta com exposições definitivas, sendo elas, “Poeira, Lona e Concreto”, que tem como conteúdo toda a exposição do início da construção de Brasília até a sua inauguração em 1960, “Casa do Mestre Popular” e “Renovação e Tradição – Novos Caminhos”. São oferecidas várias oficinas à comunidade em geral, com o intuito de divulgar o espaço do museu promovendo a integração e resgate de entidades. O MVMC também oferece passeios a grupos de estudantes das escolas públicas e particulares onde expõe o histórico do local na área externa, um breve filme histórico e as exposições. O projeto “Histórias Contadas” é um programa virtual que coleta documentos e imagens históricas da cidade, mas que na prática ainda não funciona por falta de apoio e financiamento. Em sua maioria, estas iniciativas buscam incentivar a apropriação espacial do museu pela comunidade circunvizinha. Outro projeto que acontece dentro do museu é o “Rodas da Paz” em que incentiva a utilização de bicicletas, de propriedade do museu, na área externa, mas infelizmente o projeto está parado. O Projeto “Casa das Rodas Candangas” apoia e influencia a utilização da área externa para aulas de educação para o trânsito com o Detran, mas infelizmente o projeto não entrou em prática por conta de entraves burocráticos. Várias escolas do Núcleo Bandeirante e da Candangolândia possuem a oportunidade de terem vínculo com oficinas oferecidas no museu, sendo elas o “Projeto Manga Verde”, que está contida na oficina de pintura, o “Menino do Pote” à oficina de barro, o “Lançando Fio” à de tecelagem e o “Fazendo Papel” à de reciclagem de papel.

Dentro do Plano de Ação Anual, o principal acervo do museu é o patrimônio arquitetônico. Antigamente, na década de 1990 o museu era frequentemente frequentado pela população do DF, assim, as pessoas, muitas vezes, tinham que entrar em filas de espera para conseguirem participar das oficinas. O MVMC também fazia a publicação de livros, possuía um jornal, possuía pesquisadores que trabalhavam em suas dependências e também produzia seminários. Nos dias de hoje,

o museu enfrenta o grave problema de não possuir profissionais qualificados para as funções. Os que estão por lá são funcionários da Secretaria da Cultura ou da Secretaria de Educação, temporariamente lotados na instituição. A visita no museu é guiada por um funcionário do próprio museu que não tem formação museológica ou pedagógica.

A atual gestora do museu, Luciana Ricardo, acredita na possibilidade de, através da Associação de Amigos, realizar várias ações. Os cursos estão sendo reativados, ao mesmo tempo, oficinas estão passando por um processo de reequipagem e já está sendo providenciadas obras que melhorem os espaços. A biblioteca já foi restaurada.

Infelizmente, o único museu que se dedica a histórica da capital não é muito frequentado. A lanchonete e a lojinha não funcionam por questões legislativas, e por este mesmo motivo o museu não cobra ingresso. A Secretaria de Cultura vem considerando a ideia de entregar o museu a uma Organização Social, com o objetivo de implementar diversos projetos através de leis de incentivo à cultura.

	
<p>Figuras 17: Museu Vivo da Memória Candanga</p> <p>Fontes: http://www.brasiliafacil.com/item/museu-vivo-da-memoria-candanga/</p>	<p>Figuras 18: Exposição permanente: “Poeira, Lona e Concreto” do MVMC.</p> <p>Fontes: https://www.noticiasaoiminuto.com.br/cultura/511075/no-df-museu-vivo-da-memoria-candanga-oferece-cursos-gratuitos</p>

O memorial JK: é dedicado ao ex Presidente Juscelino Kubitschek que governou o país entre 1956 a 1961 e fundou a cidade de Brasília. No prédio, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em setembro de 1981, encontra-se o corpo de JK e diversos pertences do ex Presidente, como por exemplo, a sua biblioteca pessoal, objetos e fotos. O memorial diversas vezes recebe algumas inovações tecnológicas que atraem público para o local. Logo na entrada, quem recebe os visitantes são as estatuas do próprio Juscelino e sua esposa Sarah Kubitschek, que liderou a construção de todo o memorial. Ela queria que fosse uma casa de cultura que também servisse de mausoléu para guardar os restos mortais do presidente. Para

começar a construção, Sarah fez diversas campanhas para arrecadar fundos. O acervo do museu foi todo doado pela família Kubitschek. Quem administra o museu atualmente é a neta de JK, chamada de Ana Cristina. O presidente faleceu em 1976 e foi sepultado no cemitério de Brasília, e cinco anos depois com a construção do memorial, seus restos mortais foram levados para lá.

O memorial JK possui dois andares, sendo que no primeiro há exposição de objetos, fotos e documentos que mostram toda a trajetória de JK até ele conseguir chegar à presidência do Brasil e expõe as fases da construção de Brasília. O segundo andar é composto por uma exposição permanente, chamada de “JK e as Personalidades do Século XX”, em que mostra para o visitante todas as vezes que o presidente esteve com grandes personalidades, elevando o nome do Brasil, e também, mostrando sua influência e o reconhecimento do mundo para com o presidente. Ainda no segundo andar encontra-se a câmara mortuária de JK onde ficam os restos mortais do Presidente. Em cima do túmulo de JK possui um vitral com as cores vermelha (simboliza a morte), roxo (paixão), branco (paz) e a luz que ilumina tal vitral é natural.

No estacionamento do memorial, é possível que os visitantes conheçam o último carro do presidente Juscelino Kubitschek. É um modelo da Ford de 1974 que foi totalmente restaurado pelo exército brasileiro que doaram as peças originais do carro e hoje está em exposição.

	
<p>Figuras 17: Vista externa do Memorial JK</p> <p>Fontes: Foto de Debora Verdan, 28/11/2014</p> <p>http://www.fjpn.com.br/conhecendo-museus-apresenta-o-memorial-jk</p>	<p>Figuras 18: Estátua de Sarah e Juscelino Kubitschek, próximo a fachada do Memorial JK</p> <p>Fontes:</p> <p>https://www.minube.com.br/sitio-preferido/memorial-jk--a168962</p>

O Panteão da Pátria: localizado na praça dos três poderes junto com outros marcos importantes, foi inaugurado em 1986, recebendo patrocínio para sua construção da Fundação Bradesco e doado ao governo brasileiro na gestão de José Sarney. Projetado por Oscar Niemeyer, sua aparência lembra a figura de uma pomba. O espaço tem a missão de homenagear todos aqueles que se destacaram pelo bem do

país. A área expositiva do museu é dedicada a Tancredo Neves, o primeiro presidente do Brasil que foi eleito depois dos 20 anos de regime militar. O Panteão da Pátria foi reinaugurado em 2013, trazendo novas atualizações tecnológicas interativas para o melhor contato direto com o público, além de exposições das cópias de documentos e a exibição de vários filmes.

Os nomes dos heróis nacionais estão contidos em um livro de aço, que também é conhecido como “Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria”. Quando é inserido um novo nome no livro, é realizada uma celebração em relação à memória do homenageado. A intitulação de herói nacional se dá através de ato do Congresso Nacional, sendo observada a prerrogativa de que se deve haver o período de cinquenta anos após a morte do glorificado.

O Panteão é formado por três andares, ocupando uma área no total de 2.105m². No primeiro andar encontra-se a administração do Centro Cultural Três Poderes. No segundo andar é onde fica o Salão Vermelho, localizado dentro dele está o Mural da Liberdade, criado por Athos Bulcão. No terceiro andar é onde fica o Salão Principal, na qual se depara de um lado o Painele da Inconfidência Mineira e do outro lado com o Vitral de Marianne Peretti, e logo no centro tem-se o Livro de Aço dos Heróis Nacionais.

A exposição permanente do Panteão da Pátria, dedicada a Tancredo Neves, é dividida em quatro ambientes temáticos, sendo eles, Origem, Caminho, Paladino da Democracia e Lavra de Ideias. No espaço da Origem, estão expostas notícias de jornais, documentos e memórias que revelam toda a vida de Tancredo, contando assim, toda a sua trajetória de vida. Já no espaço O Caminho, está presente uma grande mesa interativa que contém os principais cargos exercidos por Tancredo e o caminho que ele percorreu dentro da política. Nas paredes, ainda do mesmo ambiente, estão presentes quadros que estão em ordem cronológica, em que expõe fatos políticos, sociais e históricos do começo da carreira de Tancredo até a sua conquista da Democracia Brasileira. A cronologia está ligada entre a história do Brasil e a de Tancredo. O Paladino da Democracia mostra através de dois filmes, dirigidos por Silvio Tendler, os momentos mais significativos na história de Tancredo Neves, sendo que no primeiro filme é exposto sua participação na campanha que defendia as eleições de diretas, que levou a mobilização popular, e o segundo filme mostra a frustração da população quando o presidente veio a adoecer. No quarto ambiente, chamado de Lavra de Ideias, possui em seu centro uma máscara mortuária do presidente Tancredo Neves.



<p>Figuras 17: Panteão da Pátria</p> <p>Fontes: Foto de Letícia Alcântara. 04/06/2012 http://www.psbnacamara.org.br/not_det.asp?det=2332</p>	<p>Figuras 18: Vista Frontal do Panteão da Pátria</p> <p>Fontes: http://www.cultura.df.gov.br/panteao-da-patria-tem-exposicao-permanente-sobre-tancredo-neves/ 11/02/2014</p>
--	---

O Memorial dos Povos Indígenas: foi construído em 1987, projetado pelo arquiteto por Oscar Niemeyer em forma de espiral que remete a uma maloca redonda dos índios Yanomami. O espaço possui uma área construída de 2.984,08m², com acesso principal através de uma rampa.

Este começou a funcionar de forma definitiva a partir do dia 16 de abril de 1999. Desde então, o Memorial permanece aberto ao público, recebendo milhares de visitantes o ano todo.

No ano 2000, o governador Joaquim Roriz honrou o Chefe Aritana com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito, a mais alta condecoração concedida pelo Governo do Distrito Federal, reconhecendo suas qualidades como líder indígena e ao seu desempenho na abertura e funcionamento do Memorial. Esse gesto exemplificou o espírito de cooperação e mostra como o governo do Distrito Federal e Tibus podem trabalhar juntas muito bem.

Este memorial é aberto ao público diariamente e oferece diversas exposições e atividades.

O ápice da programação é sempre o Dia do Índio (19 de abril), realizado todos os anos e é comemorado assim uma semana cheia de atividades variadas, com exposições especiais, palestras, debates, apresentações e muitas visitas.

Este memorial tem como objetivo principal, apresentar a grande diversidade e riqueza da cultura indígena de forma dinâmica e viva. Com esse propósito, promove diversos eventos com a presença e a participação de representantes indígenas de diferentes regiões do país. No acervo, há peças representativas de várias tribos, incluindo exemplares da coleção Darcy-Berta-Galvão com destaque para a arte plumária dos Urubu-Kaapor; bancos de madeira dos Yawalapiti, Kuikuro e Juruna, máscaras e instrumentos musicais do Alto Xingu e Amazonas.

Também é de suma importância e desafiante poder ser realizados intercâmbios culturais com povos indígenas de outros países, o que se torna um grande compromisso para o memorial, que já recebe visitantes como representantes da Assembleia das Primeiras Nações do Canadá e dos Maoris da Nova Zelândia.

O Memorial incentiva ainda parcerias com outros museus e instituições do gênero, abrindo caminhos para o intercâmbio de informações sobre as diferentes culturas

tradicionais, bem como de novas ideias e técnicas para o melhor funcionamento do espaço.



Figuras 19: Memorial dos Povos Indígenas: vista fontral do edifício.

Foto: Júnior Aragão/SECDF

Fontes:

<http://www.cultura.df.gov.br/memorial-dos-povos-indigenas/>



Figuras 20: Vista aérea do Memorial dos povos Indígenas

Foto: Bento Viana

Fontes:

<http://noblat.oglobo.globo.com/do-ceu-brasil/brasilia/noticia/2014/11/memorial-dos-povos-indigenas.html>

5. Metodologia

5.1 Pesquisa de base qualitativa:

Um dos atos imprescindíveis para a prática de uma investigação destina-se a coleta de dados baseados na experiência e na observação através de entrevistas executadas com o auxílio de questionários elaborados previamente. Esta situação implica:

Todo o encontro em que o pesquisador solicita explicitamente aos atores informações sobre determinados temas ou tópicos, estruturado em termos de uma alternância pergunta/resposta e de uma definição inicial dos estatutos de participação em termos assimétricos – isto é, estabelecendo uma separação explícita entre o estatuto de entrevistador e o de entrevistado (NUNES, 1992, p. 274).

Em tempos de outrora, as pesquisas eram realizadas de modo rígido, dirigido e estruturado de maneira a coletar dados “objetivos” de característica quantitativa. Atualmente boa parte dos pesquisadores de várias áreas acreditam que é possível complementar pesquisas de base estatística com dados de caráter qualitativo como, por exemplo, para aumentar as fontes e ganhar maior confiança com o entrevistado utilizando diferentes métodos e perguntas, assim como dinâmicas, para que se possa analisar melhor o ponto de vista do sujeito entrevistado e chegar a um consenso. O avanço da tecnologia tem possibilitado diferentes métodos para realizar estas pesquisas, sendo a mídia uma das mais utilizadas, tendo como exemplos as redes sociais, o telefone e sem dúvida a mais eficaz: a face a face. Como refere Grawitz, *“existe, indubitavelmente, uma técnica de entrevista, mas, mais do que uma técnica, é uma arte”* (1990, p. 762).

De acordo com Robert Farr (1982), uma entrevista qualitativa é “essencialmente uma técnica ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”.

O procedimento da entrevista qualitativa é essencial para o entendimento de valores, crenças e atitudes específicos relacionados ao comportamento das pessoas em diferentes contextos sociais. A partir das considerações de Gaskel (2003), podemos considerar que essa questão não presume de um fato natural já estabelecido: as pessoas o constroem de uma maneira ativa em suas vidas cotidianas sem seguirem condições postas por elas mesmas, mas que a sociedade as impõe por contextos da própria cultura histórica e econômica.

Conforme exposto pelo mesmo autor (2003), esse tipo de entrevista é caracterizado como uma entrevista semiestruturada e pode ser distinta, por ser organizada de uma maneira rigidamente estruturada na qual é feita uma série de questionamentos predeterminados, compreendendo um único entrevistado ou um grupo de entrevistados, ou por ser realizada através de uma conversação menos estruturada na qual o importante é absorver informações sobre a cultura e o conhecimento local por um período prolongado de tempo ao invés de um período limitado.

Sob tais premissas, antes da pesquisa é preparado um tópico guia para cobrir os temas centrais e os temas da pesquisa. A entrevista deve, então, ser realizada a partir de uma pergunta simples e ir se aprofundando de acordo com o assunto para que o respondente não se sinta intimidado, mas, ao contrário, que a entrevista lhe desperte interesse pelo tema em seu decorrer.

Levando em conta as considerações citadas anteriormente e o fato de que o projeto de investigação trabalhado pelo grupo trata dos museus de Brasília, foi pensada a elaboração de um questionário de cunho qualitativo. Este instrumento visa a interação com o público e obtenções de dados a respeito de como os cidadãos brasilienses estão interessados sobre o tema proposto, e o quão estão participando ou se relacionando com os tantos tipos de exposições e obras na cidade, sejam elas de qualquer categoria. Museus e espaços culturais proporcionam diferentes tipos de experiências e pontos de vista a respeito da arte, da exposição e do conhecimento. Desse modo, estamos na busca de informações sobre o que mais atrai o público até tais locais, o quão informado estão sobre a quantidade de museus existentes na cidade e sobre sua importância para a sociedade.

5.2 Questionário elaborado para aplicação:

1. Você já visitou algum museu?
Em Brasília
No Distrito Federal
No Estrangeiro
2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.
3. Quais museus você já visitou em Brasília?
Quando foi a última visita?
Como ficou sabendo da exposição?
4. Qual foi o museu que mais gostou?
5. O que achou desse museu?
6. Os museus de Brasília representam bem a cidade?
7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?
8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?
10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?
11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

6. Análise

A entrevista qualitativa foi essencial para a realização dessa pesquisa. Através desse método, foram permitidos captar as informações de cada entrevistado de maneira a compreender o ponto de vista de cada um sobre o tema relacionado, estudar suas particularidades e experiências individuais a respeito dos conhecimentos sobre os Museus e Memoriais de Brasília-DF.

Os museus e centros culturais são espaços que promovem a arte, a história a ciência e a cultura. Eles, muitas vezes, atraem diversos tipos de público, se tornando uma ótima opção para quem procura algum tipo de informação, distração e entretenimento na cidade. Durante a pesquisa foi notório o número de pessoas que já visitaram algum museu e tiveram suas expectativas atendidas e surpreendidas de diversas maneiras. Em Brasília existem vários museus espalhados pelo seu território, influenciando bastante sobre a grande quantidade de pessoas que já os visitaram. Porém também houve um número relativamente pequeno de pessoas que ainda não frequentaram algum museu, por não haver interesse próprio sobre o conteúdo da instituição, pouca divulgação e falta de incentivo.

O Museu Nacional da República, Memorial JK, Centro Cultural Banco do Brasil, Museu do Catetinho e o Memorial dos Povos Indígenas são grandes ícones de espaços culturais que as pessoas mais se interessam em visitar, tudo graças as suas diversidades de exposições, uma aconchegante estrutura e arquitetura, qualidade do conservadorismo das peças expostas e a localização na cidade. São considerados como sendo cartões postais de Brasília, o que atrai turistas de outras localidades. Como mais visitado, entre estes, tem-se o Museu Nacional da República, que contém, entre suas exposições, peças que antes eram apresentadas em outros museus, porém, possuíam um difícil acesso ao público. Entre seus eventos oferece festivais culturais em sua área externa, feiras étnicas, palestras e projeções em sua arquitetura. Além de estar localizado em um ponto próximo a rodoviária de Brasília, facilitando seu acesso, é bem divulgado através de livros, jornais, redes sociais e outros meios de comunicação.

Um papel importante que os museus procuram fazer é interagir com seus visitantes, sendo assim, o Memorial JK apresenta esse grande destaque em relação aos outros. Grande parte do público entrevistado mostrou uma grande satisfação na interação que as peças tiveram na hora de serem expostas, tudo isso ao grande investimento tecnológico que é feito no museu, o que o torna mais atrativo. É um espaço de grande importância para Brasília, afinal, ele conta a história e obra do Presidente Juscelino Kubitschek, que inaugurou a capital. O museu recebe com frequência diversos grupos de estudantes e turistas, dando total apoio aos portadores de necessidades especiais.

É por isso que os museus de Brasília conseguem cumprir com um papel representativo, pelo fato da maioria destes conter exposições sobre a história da cidade e como esta foi crescendo com o passar do tempo.

Mas ao parecer do público, existem outros fatores que precisam ser levados com suma importância. Embora as exposições abordem sobre a cidade e sobre os mais diversos assuntos, o público ainda não se sentiu atraído totalmente a estes espaços culturais. A maioria das pessoas que responderam estas questões falaram da carência de divulgação das obras e exposições locais, e de como as exposições vindas de outras

localidades são mais valorizadas, por serem mais chamativas, considerando que também são utilizados métodos mais expressivos e tecnológicos diferentes para agradar mais ao público.

Ainda que na atualidade existem tantos meios de comunicação que podem ser utilizados, como redes sociais, jornais, murais, acredita-se que o público não tenha 100% de acesso a estes locais, não só pela falta de divulgação e sim pela dificuldade de chegar nestes. Alguns dos museus encontram-se em lugares afastados que só poderiam ser acessados através de um veículo próprio, e por isso, muitas pessoas desistem de conhecê-los. Os poucos museus ou centros culturais que davam a possibilidade de oferecer um transporte pararam de oferecer esses serviços.

Finalizando com o questionário cabe ressaltar as recomendações do público que, mesmo não sendo diretamente para o questionário realizado, deram pontos importantes que podem auxiliar na mobilidade para estes locais. O único ponto que foi sugerido no questionário é de trabalhar com que tipo de exposições o público gostaria de assistir.

7. Considerações Finais

Desde os tempos mais remotos o ser humano já costumava colecionar objetos ou deixar impressa suas marcas em locais fixos como forma simbólica e representativa, seja para suprir suas necessidades do dia a dia ou até mesmo como curiosidade em guardar ou retratar coisas tão peculiares ao seu próprio olhar. As características consideradas como “únicas” de muitos desses objetos levaram o homem à busca pelo estudo e conhecimento de suas propriedades, de um local em que poderiam ser armazenados e conservados em próprio âmbito ou lugares específicos; lugares nos quais, inicialmente, era permitido o acesso somente para determinado público. A atmosfera museológica já estava sendo trabalhada, mesmo que inconscientemente, buscando preservar e levar conhecimento através desses objetos e manifestações culturais e que, além dos tempos, vem se aperfeiçoando, se estruturando, e se tornando cada vez mais inclusiva.

Diante do exposto, pode-se dizer que, assim como os memoriais, voltados a eternizar no espaço algum motivo considerado pertinente por quem os criou, os museus e os centros culturais possuem uma função social permanente em relação ao patrimônio cultural, nos mais variados tipos de manifestações e, ao mesmo tempo, uma função social que se renova de tempos em tempos de acordo com as sucessivas transformações da história, da cultura e dos valores humanos. Eles instigam à memorização e produzem conhecimentos a partir do embasamento histórico-cultural, artístico e social que apresentam, promovem a investigação, análise e preservação de bens culturais e, crescentemente, também proporcionam lazer à sociedade.

Como explanado, os museus procuram trabalhar na comunicação existente entre a arte e a cultura em relação ao público que tem interesse nestas práticas humanas. É importante destacar, também, a análise do processo pela qual os objetos culturais exibidos nos museus vêm a passar, sendo eles do passado, do presente ou de uma possibilidade futura, dependendo assim do espaço, cultura e de suas dimensões simbólicas e materiais.

A partir do conhecimento teórico e reflexões de críticos e estudiosos do tema as conclusões acima, de caráter genérico, foram complementadas na pesquisa com especificidades locais, no caso, referentes a cultura exposta e assimiladas nos museus da cidade de Brasília. Além de questões gerais sobre alguns de seus memoriais e museus aqui apresentadas a partir das divulgações dessas instituições, a participação do público ou brasilienses e turistas foi acrescentada à pesquisa de maneira a alcançar especificidades sobre tais instituições.

Sendo assim, segundo os questionários e os objetivos gerais desenvolvidos, aplicados e analisados nesta investigação, foram abordados os tipos de interesse do público e o modo como cada memorial ou museu e centro cultural possui sua própria identidade, seja pelo seu tema, pelas diferentes obras expostas ou, ainda, pela forma que estas interagem com o público, apresentando arquitetura diversificadas ou mesmo Tecnologias inovadoras, ampliando as perspectivas de análise sobre temas e histórias, sobre obras de arte, transmitindo da maneira considerada a melhor possível o que o artista quer expressar com suas obras.

No caso específico de Brasília e de alguns de seus memoriais e museus aqui analisados como objeto de investigação, foi relatado pela maior parte das pessoas a escassez de mobilidade e tempo para fazer as visitas a estes locais. Alguns museus de Brasília

encontram-se, de fato, em lugares mais afastados de difícil acesso, mas ainda assim alguns atraem bastante público devido a diversidade de atividades, alta divulgação, investimento de tecnologia, estrutura e organização das exposições.

Como melhor percebido neste trabalho por muitos dos teóricos estudados e respostas do público entrevistado este é um tema de estudo e reflexões necessárias e contínuas. A literatura na área dos museus aponta particularidades, relacionados a elementos como o lugar, o tempo e a importância dos objetos, e cabe dizer que, de acordo com as investigações feitas em campo, estes e as tantas questões que envolvem são, de fato, de suma importância.

8. Referências bibliográficas

BORDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O Amor pela Arte – Os Museus de Arte na Europa e seu Público*. São Paulo: Edusp, 2003.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Nueva museologia*. Madrid: Alianza Forma, 1999.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

GONÇALVES, Lisbeth R. *Entre Cenografias – O Museu e a Exposição de Arte no Século XX*. São Paulo: Edusp, 2004.

GUIMARÃES, Sávio T. *Memórias da Idade Mídia*. 2007. 312f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

JENCKS, Charles. *Movimentos Modernos na Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus Acolhem Moderno*. São Paulo: Edusp, 1999.

MARANDINO, Martha. Museus de ciências como espaços de educação. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MONTANER, Josep Maria. *Museus para o Século XXI*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

_____. *Nuevos Museos – Espacios para el Arte y la Cultura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1990.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar – os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Bruno, M.C.O. “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.” In: As várias faces do Patrimônio, por LEPA. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.

DePHA. “Museu Vivo da Memória Candanga.” 2007.

Maciel, N. “Sem visibilidade, Museu Vivo da Memória Candanga é o único dedicado à história da capital.” *Correio Braziliense*, 12 de Janeiro de 2010

Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele, Museu Vivo da Memória Candanga: a musealização do patrimônio arquitetônico. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-750-1-SP.pdf>. Acesso em 04/06/2018

SERAPIÃO, Fernando. Museu Nacional Honestino Guimarães, Brasília. *Revista Projeto Design*, edição 326 Abril de 2007.

SUSSEKIND, José Carlos; Niemeyer, Oscar. Conversa de Amigos: correspondências entre Oscar Niemeyer e José Carlos Sussekind. Ed. Revan, Rio de Janeiro, 2002.

<http://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/viewFile/19747/15184>. Acesso em 04/06/2018

http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=76. Acesso em 04/06/2018

<http://techne17.pini.com.br/engenharia-civil/124/artigo286425-1.aspx>
<http://www.brasilia.df.gov.br/museu-nacional-do-conjunto-cultural-da-republica-honestino-guimaraes-2/>. Acesso em 04/06/2018

<http://www.cultura.df.gov.br/museu-nacional/>. Acesso em 04/06/2018

Bibliografia pesquisada sobre o Memorial JK:

EBC, Memorial JK, Disponível em:
<http://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/memorial-jk>. Acessado em: 26/06/18

Mapa na Mão, Memorial JK – um misto de história, beleza, memória e organização. Disponível em: <https://mapanamao.com.br/2017/08/22/memorial-jk/>. Acessado em: 26/06/18

Pé na Estrada, Visita ao Memorial JK, em Brasília. Disponível em: <https://www.penaestrada.blog.br/visita-ao-memorial-jk-em-brasilia/>. Acessado em: 26/06/18

YouTube, Conhecendo Museus – Ep. 09: MEMORIAL JK. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzldOXQkaPE>. Acessado em: 26/06/18

Bibliografia pesquisada sobre o Panteão da Pátria:

Governo do Brasil, Panteão da Pátria. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2009/09/panteao-da-patria>. Acesso em: 26/06/18

Expedida.com.br, Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves. Disponível em: <https://www.expedia.com.br/Panteao-Da-Liberdade-Monumental-Axis.d6223756.Guia-de-Viagem>. Acesso em: 26/06/18

Cidade de Brasília, Panteão da Pátria e da Democracia Tancredo Neves. Disponível em: <http://www.cidadebrasil.com.br/turismo/interest.php?map=&interest=8>. Acesso em: 26/06/18

Objetivo Sim, Panteão da Pátria e da Liberdade. Disponível em: <http://objetosim.com.br/panteao-da-patria-e-da-liberdade-tancredo-neves/>. Acessado em: 26/06/18

Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, Panteão da Pátria reabre para Visitação Pública. Disponível em: <http://www.cultura.df.gov.br/panteao-da-patria-reabre-para-visitacao-publica/>. Acessado em: 26/06/18

Mapa nas Nuvens, Panteão da Pátria Tancredo Neves. Disponível em: <http://mapa.cultura.df.gov.br/espaco/6/>. Acessado em: 26/06/18

Memorial dos Povos Indígenas. Disponível em: <http://www.cultura.df.gov.br/memorial-dos-povos-indigenas/>. Acessado em 14/08/2018
<http://noblato.globo.com/do-ceu-brasil/2014/11/memorial-dos-povos-indigenas.html>. Acessado em 14/08/2018

APENDICES – Entrevistas Escaneadas

Seguem abaixo alguns dos questionários aplicados para as entrevistas, e não o total, devido ao número máximo de páginas permitido.


UNICEUB
Centro Universitário de Brasília

Sarah Braga, 20 anos, estudante de Psicologia

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

- Você já visitou algum museu?

Em Brasília	() Sim (X) Não
No Distrito Federal	() Sim (X) Não
No Estrangeiro	() Sim (X) Não
- Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.
Memorial JK
- Quais museus você já visitou em Brasília?

() Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; () Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Nunca visitou nenhum museu

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?
Nunca visitou nenhum museu
- Qual foi o museu que mais gostou?
Não visitou nenhum museu
- O que achou desse museu?
Não visitou nenhum museu
- Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?
Não soube responder. Talvez representem bem
- Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?
Sim
- O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?
Fazendo muita propaganda e deixando as exposições mais atrativas.
- O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?
Fazendo mais divulgação sobre as exposições
- Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?
Não tem vontade de visitar nenhum.
- Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?
Não

1

Alexsandro, 28 anos, empresário

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal Sim () Não
 No Estrangeiro Sim () Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

batetinho, Memorial JK, Museu Nacional

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; () Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

batetinho

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Não se recorda.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

batetinho

5. O que achou desse museu?

Pouco atrativo.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Sim, mas precisam de mais investimento e manutenção.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Sim. São mais divulgadas e melhor organizadas.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Maior divulgação. Nessa arte é bela, porém, pouco valorizada por falta de pessoas para apreciarem.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Divulgação.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Museu Nacional. Não conheço a atração.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

Fernanda, 30 anos, Agente de Turismo



QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal Sim () Não
 No Estrangeiro () Sim Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Gratitinho, Museu JK, Museu do Índio, Casa da Moeda.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- () Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; () Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Todos que temos na capital.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

A última visita tem mais de 4 anos.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Museu JK

5. O que achou desse museu?

Leinolo, retrata bem a história de JK.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Sim

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

As vezes, depende da exposição.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Mais propaganda e mais oportunidades.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Maior divulgação e oportunidades.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Nenhum, já visitou todos.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Qual valor você acha que deveriam ser cobrados?

Giovanna Scarpati, 21 anos, atriz.

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal () Sim Não
 No Estrangeiro () Sim Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional e Museu da Caixa Cultural.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; () Museu da Imprensa; Centro Cultural Banco do Brasil; Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

A última visita foi no CCBB, na exposição do Bosquet.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Museu Nacional

5. O que achou desse museu?

Arquitetura belíssima, amplo.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Sim, especialmente o Nacional e JK. Contam a história de Brasília.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Com certeza.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Maior divulgação

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Divulgação e incentivos.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Memorial dos Povos Indígenas. Por que é um espaço que homenageia esses povos tão marginalizados e de cultura rica.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

cujo o sangue é meu também.

Ana Paula Mattos, estudante, 20 anos

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal Sim () Não
 No Estrangeiro () Sim Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional, Memorial JK, CCBB, Museu da Imprensa

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; Museu da Imprensa; Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Ano passado, através do Instagram

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Memorial JK e CCBB

5. O que achou desse museu?

Locais muito bons e com ótimas exposições

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Em parte, sim.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Sim.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Mais exposições interessantes e divulgação

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Mais divulgação.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Já visitou todos que tem vontade de ir, mas pretende voltar ~~em~~ mais vezes.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

Yago de Souza, 19 anos, estudante

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal () Sim Não
 No Estrangeiro () Sim Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Memorial JK, Museu Nacional, LLBB, Memorial dos Povos Indígenas

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; () Museu da Imprensa; Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

2013. Através de amigos.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Memorial JK

5. O que achou desse museu?

Ótima exposição e estrutura.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Um pouco.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Sim

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Mais divulgação dos trabalhos feitos dentro do museu e exposições mais diversificadas.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

As mesmas propostas mencionadas na resposta anterior.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Nenhum. Já foi em todos que se interessava.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

Isabela, 24, Arquiteta

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília (X) Sim () Não
 No Distrito Federal (X) Sim () Não
 No Estrangeiro (X) Sim () Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional, Museu do Índio, Memorial JK, Batetinho, Museu dos Correios.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- (X) Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; (X) Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; (X) Museu Nacional dos Correios; (X) Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Batetinho

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Última visita foi ao IBB, exposição Athes Bulcão. Divulgação pelo internet.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Museu Nacional

5. O que achou desse museu?

Acho várias exposições temporárias, por isso sempre tem novidades, espaço agradável, bem centralizado.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Por que?

Sim que sim.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Algumas sim, mas não acho que isso seja representativo na cultura de usos dos museus em BSB.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Em geral, independente da exposição, uma inserção da população na cultura de visita as exposições.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Melhor divulgação e mais incentivo a cultura. (ou o inverso também pode funcionar.)

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

No momento, não tem vontade de visitar nenhum por enquanto.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

Luciana, 45 anos, professora

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal Sim () Não
 No Estrangeiro Sim () Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional da República, Catetinho,
 Memorial JK.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Catetinho

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Última visita no Museu Nacional, há um mês atrás. Através da internet.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

O Museu Nacional.

5. O que achou desse museu?

Gostou, o espaço para exposição é amplo e tem o acervo que é muito bom.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Sim.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Sim.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Independente da divulgação, preço das ingressos e do tema da exposição.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Um programa que levasse as crianças das escolas públicas até os museus seria um ótimo investimento para a sua popularização.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Ver o Memorial JK

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

Priscila, 56 anos, professora

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília Sim () Não
 No Distrito Federal Sim () Não
 No Estrangeiro () Sim Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional, ~~EBBB~~, Museu do Banco Central, ~~batetinho~~, Memorial JK, Museu da Imprensa.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

batetinho, Museu do Banco Central.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Não se recorda

4. Qual foi o museu que mais gostou?

batetinho

5. O que achou desse museu?

Muito interessante porque possui uma tipologia arquitetônica de residência.

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Não.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Não necessariamente.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

criar espaços específicos para arte regional.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Bons sites de divulgação, um portal com todos os museus de Brasília e de entorno.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

EBBB
Por falta de tempo.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

É preciso investir no digital. Na divulgação em redes sociais e abrir espaços para a participação do público.

Simone Queiroz, 45 anos, Supervisora Educacional

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília (X) Sim () Não
 No Distrito Federal (X) Sim () Não
 No Estrangeiro (X) Sim () Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional, Museu de Valores, Memorial JK, Panteão, Catetinho, Memorial do Lacerado.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- (X) Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; (X) Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; (X) Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; (X) Outros.

Museu de Valores, Catetinho e Memorial do Lacerado

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Não se recorda.

Anúncios da internet e TV

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Catetinho e Museu de Valores

5. O que achou desse museu?

Uma viagem ao passado, lindo!

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Sim.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Sim. Infelizmente sim, devido aos movimentos publicitários e campanhas.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

Atividades direcionadas ao público estudiantil e uso das mídias digitais.

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Campanhas para divulgação e visitação.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Museu Vivo da Memória Candanga. Falta de oportunidade para ir visitar.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Não.

Yvonne de Barros, 24 anos, estudante de Museologia



QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília (X) Sim () Não
 No Distrito Federal (X) Sim () Não
 No Estrangeiro () Sim (X) Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional, Museu da Anatomia Humana, Museu de Ciências,
 CBB, Museu dos Correios, Museu do Senado, Memorial JK, Brasília Bul-

3. Quais museus você já visitou em Brasília? tural, Museu da Estrutural, Museu de Planal-
tino, Museu Vivo da Memória Candanga.

- (X) Museu Nacional de Brasília; (X) Museu Vivo da História Candanga; () Espaço
 Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; ()
 Memorial JK; () Museu da Imprensa; (X) Centro Cultural Banco do Brasil; (X) Caixa
 Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas;
 () Outros.

Museu de Ciências, Museu da Anatomia Humana

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Este ano.

Através da faculdade e redes sociais.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Museu Vivo da Memória Candanga.

5. O que achou desse museu?

Um pouco abandonado. De que me fez gostar desse museu
é que ele possui uma direção, etnográfica, regional e com oficinas

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Alguns sim, Brasília possui muitos mu-
seus mas nem todos têm estrutura ou profissionais capacitados para
atender suas necessidades, como instituições procedora de informações e lazer.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do
 que as exposições locais?

Sim, devido principalmente ao investimento na divulgação,
até mesmo por meio da publicidade nas paradas de ônibus, por
exemplo, como foi o caso das exposições do Brasquart.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e
 importância juntamente com as exposições de fora?

Reforçar os valores dos mu-
seus, como instituições sociais portadoras de patrimônio e infor-
mação para todas as classes sociais. Museu por si só não tem tanta
visibilidade e uso devido às estradas sociais. Há uma imagem muitas

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

Políticas de incentivo por parte do governo, uso da publicidade e
pesquisa de opinião para saber qual é o interesse da população
local para assim retornar com práticas educativas e culturais.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

Museu dos correios. Falta de tempo.

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar
 esta pesquisa?

Não.

Jão Paulo Ramos. Estudante

QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

- Em Brasília (X) Sim () Não
No Distrito Federal (X) Sim () Não
No Estrangeiro () Sim () Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu Nacional, Museu vivo da história candanga,
Espaço Lúcio Costa, catetinho, memorial JK.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

- () Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; (X) Memorial JK; (X) Museu da Imprensa; (X) Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

não se lembra.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Memorial JK e CCBB

5. O que achou desse museu?

Todos eles possuem peças fantásticas que estão em exposição e uma excelente estrutura

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

com certeza

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

às vezes sim, mas tudo vai depender das divulgações que os museus fazem sobre suas exposições

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

diversidade de exposições para que atraiam o maior número de pessoas possíveis e uma boa divulgação

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

mais divulgações sobre as exposições, meio de transporte dedicado aos museus que estão espalhados por Brasília
museu Nacional, Espaço Oscar Niemeyer, Museu Histórico da OAB

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

dificuldade que as pessoas encontram ao tentar visitar uma exposição em algum museu

Leonardo Carvalho, 29 anos, Professor.



QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

Em Brasília	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
No Distrito Federal	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
No Estrangeiro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.
 Museu Nacional de Brasília, memorial JK.
3. Quais museus você já visitou em Brasília?

Museu Nacional de Brasília; Museu Vivo da História Candanga; Espaço Lúcio Costa; Panteão da Pátria; Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; Museu da Imprensa; Centro Cultural Banco do Brasil; Caixa Cultural – Brasília; Museu Nacional dos Correios; Museu dos Povos Indígenas; Outros.

museu de valores do Banco central

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?
 mes passado, me senti interessado e pesquisei o horrio de funcionamento.
4. Qual foi o museu que mais gostou?
 Museu Nacional de Brasília.
5. O que achou desse museu?
 Muito Bom
6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?
 Com certeza
7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?
 sim, ja que possuem maior divulgação
8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?
 divulgação sobre as exposições apresentadas
9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?
 mais divulgação
10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?
 memorial JK. por falta de oportunidade
11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?
 Não

Dalva Muniz Alvez Carega - 59 anos - Funcionário Público



QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

Em Brasília (X) Sim () Não
 No Distrito Federal (X) Sim () Não
 No Estrangeiro () Sim () Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.

Museu da República, Catetinho, museu vivo da memória candanga, Museu de arte de Brasília, CCBB

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

() Museu Nacional de Brasília; () Museu Vivo da História Candanga; () Espaço Lúcio Costa; () Panteão da Pátria; () Museu do Templo da Boa Vontade; () Memorial JK; () Museu da Imprensa; () Centro Cultural Banco do Brasil; () Caixa Cultural – Brasília; () Museu Nacional dos Correios; () Museu dos Povos Indígenas; () Outros.

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?

Há 5 anos, levando parentes de outro estado para conhecer.

4. Qual foi o museu que mais gostou?

Museu nacional da República

5. O que achou desse museu?

Excelente

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?

Não

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?

Há curadores que visam a cultura
 Nem sempre.

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?

mais propaganda na mídia

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?

mais curadores que visem a cultura

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?

Ônibus de graça que saiam das cidades satélites pelo menos uma vez no mês, e maior investimento em propagandas sempre!

Leda Ramos, 48 anos, Servidora Pública



QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA APLICAÇÃO:

1. Você já visitou algum museu?

Em Brasília	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
No Distrito Federal	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
No Estrangeiro	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

2. Brasília possui diversos museus. Cite alguns museus que você conhece.
 Arquivo Público do DF, memorial JK, memorial dos Povos Indígenas, museu vivo da memória candanga, catetinho, museu da imprensa.

3. Quais museus você já visitou em Brasília?

Museu Nacional de Brasília; Museu Vivo da História Candanga; Espaço Lúcio Costa; Panteão da Pátria; Museu do Templo da Boa Vontade; Memorial JK; Museu da Imprensa; Centro Cultural Banco do Brasil; Caixa Cultural – Brasília; Museu Nacional dos Correios; Museu dos Povos Indígenas; Outros.

museu dos valores do Banco Central

Quando foi a última visita? Como ficou sabendo da exposição?
 Janeiro 2018, 100 anos de Athos Bulcão, através de amigos

4. Qual foi o museu que mais gostou?
 Museu dos valores do Banco Central

5. O que achou desse museu?
 achei de fácil acesso, localização boa, produtos bem expostos e bem detalhados

6. Os museus de Brasília representam bem a cidade? Porque?
 Não que sim.

7. Exposições vindas de outras cidades ou de outros países chamam mais a atenção do que as exposições locais?
 Não que são diferentes, talvez causem mais curiosidade

8. O que pode se fazer para que as exposições locais ganhem o mesmo espaço e importância juntamente com as exposições de fora?
 divulgação. As exposições locais em pouca divulgação

9. O que você sugere para que os museus de Brasília sejam mais conhecidos?
 divulgação, sempre.

10. Qual museu de Brasília você tem vontade de visitar que ainda não visitou? Por que?
 museu vivo da memória candanga. não tive oportunidade

11. Há alguma coisa que não lhe perguntei e você gostaria de mencionar para auxiliar esta pesquisa?